



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação

CAROLINA CARMONA SCALIA

**A AFETIVIDADE E A ESCOLHA PROFISSIONAL:
UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO**

BRASÍLIA-DF
2022

CAROLINA CARMONA SCALIA

**A AFETIVIDADE E A ESCOLHA PROFISSIONAL:
UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva.

BRASÍLIA – DF
2022

CAROLINA CARMONA SCALIA

**A AFETIVIDADE E A ESCOLHA PROFISSIONAL: UM
ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, à banca examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília, sob a orientação da Profa. Dra.
Caetana Juracy Rezende Silva.

Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva
Orientadora

Profa. Dra. Caroline Bahniuk
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Moreira
Membro da Banca Examinadora - suplente

Aos educadores que continuam acreditando numa educação transformadora, mantendo sua coragem e seu esforço para se dedicar à formação de futuros cidadãos. À minha família, por me encorajar a realizar meu desejo de trabalhar com educação.

AGRADECIMENTOS

À minha família, principalmente à minha mãe pelo apoio; à minha tia, que me auxiliou na produção do trabalho; ao meu professor de inglês, Marllan, que me acompanha e me incentiva a ser uma boa profissional; ao meu namorado Thiago e minhas amigas Camila e Giovanna, que me acompanharam e me apoiaram durante o trabalho; e também à Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva pela paciência e dedicação no período de orientação.

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire (1921-1997)

RESUMO

Este estudo se insere no campo das pesquisas sobre orientação profissional, tendo como objetivo geral investigar a relação entre afetividade e escolhas profissionais. De forma específica, buscou-se identificar situações e condições em que a afetividade contribui para aproximação ou afastamento em relação a profissões ou campos de atuação profissional, apresentando-se como elemento de motivação ou desmotivação no que diz respeito à escolha profissional. O procedimento metodológico escolhido foi a autonarrativa, baseado na reflexão crítica sobre o meu processo de escolha. O referencial adotado para análise desse processo encontra-se no campo da orientação profissional na abordagem sócio-histórica. O estudo permitiu a reflexão sobre o fato de, entre as determinantes da escolha profissional, a afetividade ser um forte aspecto que interfere nesse processo.

Palavras-chaves: Orientação Profissional; Escolha Profissional; Afetividade.

ABSTRACT

This study is part of the field of research on career guidance, with the general objective of investigating the relationship between affectivity and professional choices. Specifically, we sought to identify situations and conditions in which affectivity contributes to approximation or detachment in relation to professions or fields of professional activity, presenting itself as an element of motivation or demotivation with regard to professional choice. The methodological procedure chosen was self-narrative, based on critical reflection on my choice process. The reference adopted for the analysis of this process is in the field of professional orientation in the socio-historical approach. The study allowed us to reflect on the fact that, among the determinants of professional choice, affectivity is a strong aspect that interferes in this process.

Keywords: Professional orientation; Professional Choice; Affectivity.

MEMORIAL

Figura 1: Lettering Memorial



Fonte: Elaborado pela autora

Este memorial antecipa, de certa forma, as motivações que me levaram a realizar o trabalho apresentado para conclusão do curso de Pedagogia. A dimensão da afetividade marcou profundamente minha trajetória e busquei explorá-la desde essas memórias, seguindo o mesmo método usado no estudo, a narrativa autobiográfica. Minha trajetória educacional começou aos 6 meses de idade, quando fui matriculada na Creche ASSEF. Eu entrava

na escola às 9 horas da manhã e meus pais me buscavam às 18h30min. Então, era lá que fazia quase todas as minhas refeições, tinha meus momentos de descanso e de atividades. De acordo com relatos feitos pelos meus pais, as professoras gostavam tanto de mim que, quando eu não queria fazer a refeição oferecida pela escola, elas me deixavam alimentar de mamadeira.

Como sempre fui muito pequena, as pessoas achavam que o meu desenvolvimento estava muito avançado, acreditando que era mais nova do que realmente era. Meu irmão e minha irmã também estudavam lá e acho que isso fez com que a escola tivesse um carinho a mais por nós três. Essa experiência me trouxe um olhar carinhoso com relação às pessoas que cuidam das crianças nas escolas.

Bernardo Nairim (2019), em seu artigo “Afetividade na Educação Infantil: a importância do afeto para o processo de aprendizagem”, diz que os seres humanos constroem suas bases cognitiva, emocional, motora, social e ética na primeira infância e que o afeto contribui para o pleno desenvolvimento dessas bases, levando-se em consideração que o afeto na escola deve estar sempre centrado na aprendizagem.

No Jardim I, fui para o INEI Educacional da Asa Sul e estudei lá até o Jardim II. Foi lá que me lembro de ter feito as minhas primeiras amizades, e também quando tive a oportunidade de me relacionar pela primeira vez com uma criança com deficiência. Essas relações na escola contribuem para o entendimento das necessidades e limites do outro, enxergando-o como uma pessoa completa com particularidades. Tive também minhas primeiras aulas de inglês, com grande interesse pela língua. Adorava as minhas professoras e ir para a escola era um prazer para mim.

Um fato que me lembro bem é que eu costumava levar um kit de pintura facial para as professoras pintarem o rosto das crianças na hora do recreio. Acredito que essa participação das professoras em brincadeiras sugeridas pelas crianças é interessante para o desenvolvimento infantil, pela troca existente nessa relação. Na rotina dentro de sala, as professoras levam

atividades para os alunos realizarem. Já fora de sala, num momento livre para as crianças, o fato de as professoras brincarem juntamente com elas representa uma relação de amizade e carinho.

Meu irmão também estudava lá. Eu costumava visitá-lo em sua sala e sua professora sempre me recebia muito bem. Eu até disse a ela que gostaria que fosse minha professora no ano seguinte, mas infelizmente não foi possível, pois a escola iria fechar. Essas relações me ajudaram a me desenvolver socialmente e a perceber a importância da afetividade para o aumento do interesse das crianças em frequentar a escola.

No ano seguinte, eu e meu irmão fomos para o Colégio Marista, da Asa Sul (onde minha irmã estudava), eu, no 3º período da Educação Infantil, como era chamado na época e meu irmão na 1ª série do Ensino Fundamental, e estudei lá até o 7º ano do Ensino Fundamental II. O Marista foi onde passei a maior parte da minha infância, estudando lá por 7 anos. De 2 em 2 anos a escola mudava os alunos de turma. Acredito que como uma estratégia visando maior socialização. Mas, nessas ocasiões, por ser tímida, levava muito tempo para firmar novas amizades, o que me leva a pensar se essa é realmente uma estratégia positiva para crianças como eu.

Acredito que uma estratégia interessante para uma maior socialização é a de misturar turmas em determinadas atividades. Como no La Salle que, para as aulas de Artes, a escola juntava duas turmas e as dividia em 3 grupos. Sendo assim, cada grupo tinha alunos de turmas diferentes.

Na 3ª série, ganhei um certificado de aluna destaque e até hoje fico me perguntando o porquê, pois nunca senti que era uma aluna exemplar. Sempre achei que era uma aluna mediana, então, foi quase que um choque para mim, mas também me causou muito orgulho. Se esse certificado era alguma estratégia da escola, não me foi possível identificar. Se sim, tal estratégia não atingiu seu objetivo, pois não me senti motivada ao recebê-lo, por não entender o motivo dessa distinção.

Um certificado de aluno destaque deveria vir também com os pontos que foram reconhecidos do aluno pela professora, para que ele se motivasse a continuar ou melhorar nos aspectos citados.

Na 4ª série, eu fui acolhida muitas vezes pela professora, talvez pelo fato de ela já ter dado aula para a minha irmã antes. Sentia-me muito querida, até era chamada de “mascote da turma”, o que me faz refletir, mais uma vez, sobre a importância do afeto nas relações escolares.

A partir do 6º ano (antiga 5ª série), começaram a surgir alguns problemas nas minhas amizades. Sentia muita competição entre as meninas, pois cada uma sempre queria ser melhor que a outra. Acredito que por ser uma escola de classe média alta, os alunos tendem a querer sempre ser mais e ter mais.

No 7º ano foi quando eu percebi que isso me afetava, pois apesar de eu ser uma pessoa de classe média, eu não ligava muito para status e não tinha nem conhecimento sobre isso. Minhas amigas se importavam tanto que até me excluía, pelo fato de eu não entender sobre e nem me vestir com roupas de marcas conhecidas mundialmente, por exemplo. Hoje penso sobre como a escola pode tratar a diferença social, mesmo quando a maioria dos alunos pertence à mesma classe econômica.

A escola também tinha um sistema de notas muito confuso e, como eu não estava indo muito bem, pedi para os meus pais me mudarem de escola, o que foi acatado. Hoje em dia, já entendo como funcionava esse método de avaliação. Cada matéria era dividida em conceitos. Cada conceito era um assunto dentro da disciplina e eram avaliados separadamente, então cada um tinha uma nota diferente. Os conceitos que o aluno ainda não tinha aprendido não afetavam diretamente nos conceitos em que ele havia tido um bom desempenho. Se o aluno tirasse uma nota ruim em um dos conceitos, mas tirasse notas boas em outros dois conceitos, por exemplo, na prova de recuperação ele só precisaria focar em estudar para o conceito que havia tido nota ruim, assim, tendo que responder apenas às questões deste conceito na

prova. Então, o que o aluno sabia era sim reconhecido, e o que ele não sabia ainda, tinha chance de aprender e melhorar seu conhecimento.

No 8º ano do Ensino Fundamental II, fui estudar no La Salle da Asa Sul. Era uma escola muito acolhedora, mas pela minha timidez, demorei 6 meses para firmar amizade com as pessoas. Enquanto isso não acontecia, eu me apoiava no meu irmão e no meu primo que estudavam uma série à frente da minha. Percebendo essa timidez e a dificuldade em me relacionar com os colegas da minha turma, resolvi começar a fazer terapia e acredito que ela tenha me ajudado a superar um pouco da timidez e fazer amizades com as pessoas da minha idade. Acho que o fato de tudo ter sido tão novo pra mim afetou o meu desempenho nas provas e acabei ficando de dependência em História, matéria com a qual nunca me identifiquei. Então, fiz o 9º ano cursando essa disciplina no turno contrário.

Conforme citado no artigo “A timidez e as implicações na aprendizagem”, de Monteiro, Ferreira e Ribeiro (2018), o ambiente escolar é fundamental para a aquisição de habilidades sociais, e a escola pode elaborar espaços para que os alunos possam se expressar livremente, reforçando positivamente os momentos de fala destes, inclusive se utilizando de profissionais na área de psicologia para aprender a lidar com os tímidos.

Depois de eu ter feito amizades, acredito que tudo começou a fluir e, apesar das minhas dificuldades durante o ano em algumas matérias, consegui superar minhas expectativas sobre mim mesma e aumentar o desempenho das minhas notas. Na matéria de História, por exemplo, foi o primeiro ano desde o 6º ano em que eu consegui passar sem precisar fazer a prova final. Acredito que a metodologia do professor da disciplina tenha sido a melhor para mim. Este professor escrevia no quadro apenas os tópicos que iria trabalhar na aula e, logo, começava a expor, explicando cada um dos tópicos. Como eu sabia que não iria conseguir entender só prestando atenção na aula, focava em escrever tudo o que ele estava falando, como rascunho, para depois reescrever de maneira organizada no caderno. Acredito que esse seja o melhor método

para que eu possa, até hoje, aprender o que está sendo ensinado.

No 1º ano do Ensino Médio minha turma era quase toda nova. Não conhecia muitas pessoas e ao longo do tempo, na medida em que fui conhecendo, não consegui me identificar com quase ninguém. Eu tinha alguns amigos na turma, mas não gostava da maioria dos alunos. Por isso, resolvi mudar de escola.

No 2º ano do Ensino Médio, fui para o COC. Era uma escola muito pequena, então aconteciam muitas fofocas entre os alunos. Apesar disso, fiz várias amizades legais. Como o sistema de avaliação de lá era muito diferente do que eu estava acostumada e muito mais complicado, reprovei em 5 matérias. Não percebia apoio nenhum dos professores e sentia que eles estavam lá apenas para passar conteúdo, pois não se importavam com as dificuldades e individualidades de cada um. Não gostei do método de ensino e decidi voltar para o La Salle.

Fiz novamente o 2º ano e foi um período em que aprendi o que não havia aprendido na escola anterior. Os professores tinham uma atenção bem maior com os alunos e se dedicavam em atender as nossas necessidades.

Durante o 3º ano do Ensino Médio, no La Salle, fiz o vestibular para o curso de Pedagogia na UnB e passei. Senti um alívio, pois eu estava tendo muita dificuldade em aprender os conteúdos. Mesmo estudando muito, parecia que nunca era o suficiente para ter uma nota média. Isso ocorreu, principalmente, na disciplina de História, com o mesmo professor que havia me dado aula no 8º ano, quando reprovei nessa matéria e tive que refazê-la no ano seguinte. Então, para poder me matricular na UnB, precisei terminar o 3º ano no Centro de Ensino Tecnológico de Brasília e, assim, comecei a minha graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília.

Curso Pedagogia na Universidade de Brasília desde 2014 e pretendo me graduar no final de 2022. Esse longo tempo dentro da Universidade de Brasília se deu pelas minhas reprovações, além do meu desentendimento com o sistema de matrícula da universidade que não permitia

minha matrícula nas disciplinas que eu incluía na minha grade. Com isso, por diversas vezes me senti desmotivada e desanimada para concluir o curso, porque parecia estar cada vez mais longe.

Creio que em um sistema como esse é necessário que os alunos sejam melhor orientados em relação a como organizar suas escolhas para se manter no fluxo. Vejo também a necessidade de um melhor planejamento da oferta, pois, muitas vezes, a oferta fica concentrada em disciplinas exclusivas para os calouros ou para o atendimento das necessidades de outros cursos.

Ou, ainda, disciplinas que são pré-requisitos de outras ficam sem oferta regular. Para piorar, assim que compreendi a lógica do sistema Matrícula Web, a UnB migrou para o SIGAA.

Minha trajetória no curso não foi completamente satisfatória. Como não tive muitos amigos e não achei um ponto de apoio dentro da universidade, algumas questões foram desafiadoras para mim. Fazer trabalhos em grupo era uma delas, pois sou muito tímida e tive dificuldade nas minhas relações acadêmicas. Devido à crise de pânico, também tive muito receio em apresentar trabalhos, porque, por mais que eu soubesse do assunto, na hora de apresentar para a turma, tinha algum tipo de bloqueio. Durante o curso de Pedagogia estudamos sobre a necessidade de um olhar mais acolhedor com alunos que vivem questões desse tipo. Eu não me senti acolhida e acredito que não somente a Faculdade de Educação, mas toda a universidade deveria promover esse olhar.

Depois de ter feito terapia para trabalhar a timidez, em 2015, voltei a frequentar outra psicóloga por conta de um trauma causado por um assalto. E nunca mais parei. Trabalho meus traumas com a minha terapeuta semanalmente e sinto que isso me ajudou muito a exercer os estágios nas escolas sem que os traumas afetassem meu desempenho. Hoje sinto que as dificuldades que eu tenho nas minhas relações dentro das escolas são mínimas e fáceis de serem superadas.

Fiz um curso online de Brinquedoteca e Aprendizagem Infantil, de 40

horas, através de uma empresa especializada em ensino à distância em diferentes áreas. O objetivo desse curso era ensinar a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil, as funções de uma brinquedoteca, como montar uma brinquedoteca, os melhores brinquedos para o aprendizado etc. Gostei de fazer esse curso porque ampliou minha visão de aprendizado. Hoje penso que a aprendizagem deve ser lúdica, divertida, para que o aluno possa se interessar pelo conteúdo. Assim, ele pode aprender brincando e, às vezes, nem percebe o tempo e o esforço demandados.

Além das aulas de Inglês feitas dentro das escolas onde estudei, cursei língua inglesa na escola Red Balloon por três anos. Depois mudei para a escola Thomas Jefferson e fiquei mais um ano no curso. Parei após uma reprovação e, em 2017, voltei a cursar na Calendarium, onde estou até hoje, no último nível. Hoje, tenho facilidade em falar, entender e aprender mais sobre a língua inglesa.

Nunca fui uma aluna exemplar, mas sempre me esforçava para conseguir aprender e ter uma trajetória que pudesse orgulhar meus pais. Hoje penso que poderia ser um pouco mais estudiosa e ter aproveitado melhor o período escolar. Acredito que por motivos psicológicos, como timidez e síndrome do pânico, minha vida acadêmica tenha sido afetada e eu não a tenha realizado da maneira que gostaria. As várias mudanças de escola também acarretaram na dificuldade em criar laços e conforto nas minhas relações. Mas, por outro lado, meus pais nunca me cobraram muito para que eu fosse uma excelente aluna, então não me sentia pressionada, o que foi um aspecto facilitador para meu desenvolvimento.

Na escola, sempre me dei muito bem com os professores, coordenadores e monitores, então, sempre que podia, passava um tempo na coordenação vendo o movimento. Acredito que foi quando me interessei por essa área. Quando eu estava no 9º ano do Ensino Fundamental II, fiquei em recuperação em Matemática. Então, no final do ano, eu só ia para a escola para as aulas destinadas à recuperação final, e quando eu não estava em aula,

estava na coordenação. Nesse período, criei uma boa relação com uma estagiária estudante de História, que me motivou a cursar Pedagogia, pois se aproximava mais das funções que ela exercia na coordenação. Foi assim que decidi que essa seria a área que gostaria de me formar. Certamente, também contribuíram para essa escolha as professoras e os professores que me permitiram vivenciar uma trajetória escolar que considero acolhedora, carregando bons sentimentos como carinho, amor e empatia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lettering Memorial	9
Figura 2: Lettering Introdução	19
Figura 3: Lettering Autonarrativa	22
Figura 4: Lettering As pessoas não estão sempre iguais	28
Figura 5: Lettering Afetividade	35
Figura 6: Lettering Aquilo que eu procuro	47

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
MEMORIAL	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	18
INTRODUÇÃO	20
A AUTONARRATIVA COMO ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	23
Procedimentos metodológicos	27
SOBRE O CAMPO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA	29
O surgimento do problema da escolha profissional	29
Os fundamentos da abordagem sócio-histórica	31
MEMÓRIAS DO MEU PROCESSO DE ESCOLHA	36
NARRATIVA FICCIONAL: DIÁLOGO COM UM ORIENTADOR PROFISSIONAL	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
PRETENSÕES PROFISSIONAIS	67
REFERÊNCIAS	68
REFERÊNCIAS MEMORIAL	71

INTRODUÇÃO

Figura 2: Lettering Introdução



Fonte: Elaborado pela autora

Parte das características psicológicas dos seres humanos é desenvolvida em decorrência dos afetos gerados nas relações sociais que, desde o nascimento, os indivíduos passam a vivenciar. A afetividade está presente em todas as dimensões da vida, com impacto sobre a aprendizagem, sociabilidade e comportamentos, entre outros aspectos de nossas trajetórias.

No entanto, o tema da afetividade ainda é pouco estudado no âmbito da orientação profissional. A escolha profissional envolve muitas questões, inclusive a dimensão dos afetos, sendo necessário refletir sobre seu papel em relação às escolhas profissionais, na busca pela compreensão dos aspectos que afetam o processo de escolha. Cada decisão tomada envolve muitos fatores, sociais e pessoais, sendo importante identificar aspectos que impactam nessas escolhas, a fim de fundamentar práticas de orientação profissional no apoio aos estudantes.

Entender que os afetos fazem parte do desenvolvimento pessoal pode ajudar a perceber as particularidades e individualidades nos modos de pensar, de agir e de sentir e identificar sua participação nos processos de aproximação e distanciamento em relação às profissões, trazendo mais informação de como se dá o processo de escolha.

O desejo em realizar uma pesquisa abordando o papel dos afetos nas escolhas profissionais foi motivado pela minha trajetória escolar, quando pude perceber onde, por quem e quando decidi qual a profissão que eu mais me identificava.

Em determinado momento da vida, teremos que lidar com situações de escolha sobre a profissão que iremos exercer. A afetividade é um dos elementos que impactam, em maior ou menor grau, nessas situações, a depender da trajetória de cada um.

É nesse sentido que busquei neste estudo identificar situações e condições em que a afetividade contribuiu para aproximação ou afastamento em relação a profissões ou campos de atuação profissional, funcionando como elemento de motivação ou desmotivação no que diz respeito à escolha profissional, analisando-as a partir das referências utilizadas.

Para tanto, optamos por uma pesquisa autobiográfica, utilizando como método a autonarrativa. Busquei refletir, a partir de minhas memórias e apoiada em textos, vídeos, blogs e outras fontes, sobre a relação entre afetividade e escolha profissional, tendo como referência principal a abordagem

sócio-histórica no campo da orientação profissional.

O primeiro capítulo traz a abordagem teórico-metodológica, onde se explicita o conceito de autobiografia e os detalhes de como foram feitos os procedimentos de análise; o segundo capítulo apresenta o campo da orientação profissional, na abordagem sócio-histórica, baseado na concepção de Silvio Bock; o terceiro capítulo é dedicado à questão das memórias que acompanharam o meu processo de escolha profissional; o quarto capítulo traz as análises das minhas memórias a partir de uma narrativa ficcional de um diálogo com um orientador profissional, em que busca-se explorar os conceitos, noções e abordagens teóricas no desenvolvimento da reflexão sobre questões presentes nas memórias narradas; na última parte, são apresentadas as considerações finais. Cada seção do trabalho é iniciada com um *lettering*, em um exercício de escrita e arte, na busca da reunião de duas das dimensões de meu fazer como profissional.

A AUTONARRATIVA COMO ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Figura 3: Lettering Autonarrativa



Fonte: Elaborado pela autora

Neste estudo, optei pela pesquisa autobiográfica, com o método de autonarrativa, para trazer as memórias da minha trajetória e analisá-las em relação à influência da afetividade em meu processo de escolha profissional.

A reflexão sobre a trajetória possibilita uma melhor intervenção pedagógica. O olhar para si reflete a necessidade de compreender o processo

de escolha e permite saber como agir com os educandos no processo de orientação. Nessa linha de pensamento, o processo reflexivo provocado pela construção da autonarrativa pode auxiliar o autodesenvolvimento.

A autobiografia é um gênero textual em que o personagem principal da história é o próprio autor, ou seja, é a história de vida do próprio narrador. Por isso, o texto pode ser mais subjetivo e opinativo, considerando que o narrador relata seus sentimentos, suas experiências e suas impressões obtidas ao longo de sua caminhada. Por vezes, o autor a escreve com ajuda de outras pessoas, buscando informações importantes para a história que não tem guardadas na memória.

A autobiografia pode ser narrada por meio de diário, poema, texto ou mesmo uma música. A principal característica de uma autobiografia é o levantamento de informações sobre o autor, como o nome, data de nascimento e fatos importantes e relevantes para a história contada. Nela, o narrador expõe suas memórias e suas conquistas, usando o fator cronológico, ou não, podendo se referenciar por datas ou etapas, como a infância e a adolescência, sendo, em geral, narrada em primeira pessoa.

A pesquisa autobiográfica depende principalmente da memória, tanto da pessoa que está contando a história quanto de quem a viveu junto com ela, utilizando-se de fotos, vídeos e documentos que são tomados para a construção da narrativa.

Nesse tipo de pesquisa, não se pretende provar algo, já que não se trabalha com informações exatas, mas compreender o que está sendo pesquisado, além de evidenciar o modo como cada indivíduo reage aos eventos de sua vida e como eles o influenciam, moldando sua identidade.

Ao construir a narrativa é necessário considerar que a comunicação é a transferência de informação entre quem a emite e quem a recebe, na interpretação da mensagem. É, assim, um meio de extrema importância para produzir pensamentos, reais ou irrealis, e comunicar desejos, informações, fatos, ideias etc.

Desde que nascemos já utilizamos formas de comunicação. Através do choro, por exemplo, o bebê informa que alguma coisa não está bem. A comunicação se desenvolve com o tempo com o objetivo de promover interações com outras pessoas.

Na comunicação por meio da narrativa, é dado o ato de descrever, expor acontecimentos interligados ou histórias, reais ou irreais, a partir da escrita ou de figuras. Encontramos narrativa em noticiários, livros, filmes, entre outros. Marques e Satriano (2017) se reportam aos estudos da Psicologia Cultural de Bruner destacando duas exigências no estudo da narrativa:

a primeira é que a interpretação de sentido deve considerar tanto os aspectos individuais quanto os culturais (sócio-históricos); a segunda é que além de explorar os significados, é preciso explorar também os usos práticos da narrativa (p. 375).

Um aspecto a ser considerado é o fato de ser quase impossível que uma história seja contada da mesma forma mais de uma vez. Geralmente, a cada vez que é contada, se perde ou se ganha alguma informação. Em relação ao narrado, as descrições de momentos nas memórias contadas não precisam ser completamente fiéis ao que aconteceu. A memória é onde se conservam os pensamentos obtidos ao longo da vida, a partir de experiências, sentimentos vivenciados.

A narrativa envolve o modo como cada ser humano se vê e como ele escreve sua própria história, considerando o seu passado, presente e futuro. O que desenvolve uma narrativa é a memória do narrador, portanto, é importante que este tenha memórias coerentes para não cair na obsessão e não distorcer informações. A narrativa dá oportunidade ao narrador de refletir sobre suas próprias impressões, sobre o mundo e sobre si mesmo, aumentando suas vivências profissionais.

Ainda conforme Marques e Satriano (2017), tudo que acontece, desde sentimentos a gestos, podem fazer parte de uma pesquisa narrativa.

Mesmo ao desenvolver uma história inventada, é preciso que o narrador utilize sua imaginação e ficcionalização para a compreensão do sentido de sua realidade. O narrador percebe o seu externo a partir da maneira que o externo o atinge.

As autoras citadas trazem como um procedimento interessante para a narrativa a utilização de gravações de vídeo, por meio das quais o narrador tem a oportunidade de enxergar e refletir várias vezes e a qualquer momento aquilo que aconteceu, trazendo reflexões mais detalhadas sobre o outro ou sobre o mundo, e assim, desenvolvendo ou não uma nova visão sobre si.

Outro aspecto considerado é o fato de a forma oral de uma história nem sempre permitir que a pessoa reflita precisamente sobre aquilo que está sendo dito. Na forma escrita há a oportunidade de se modificar o texto considerando a adequação ou não do que está sendo narrado.

Na forma de arte, a narrativa implica emoções, o que deixa implícito a personalidade de cada narrador. De acordo com Valéria Marques e Cecília Satriano (2017):

A investigação narrativa usa diferentes níveis de análise para compreender os contextos sociais e emocionais que mudam o tempo todo e também o significado de negociação do mundo (contextos locais, grandes contextos culturais, históricos e sociais) e nosso posicionamento (SCHUMANN, 2012; PHOENIX, 2013, apud MARQUES; SATRIANO, 2017. p. 373).

A pesquisa narrativa faz com que o indivíduo se conecte com o coletivo. O narrador pode ter diversos pontos de vista sobre um único assunto ou acontecimento. É nesse sentido que a autonarrativa, como método de pesquisa, busca reunir a individualidade com o coletivo, para a compreensão de uma comunidade.

A sociedade traz um impacto diferente para cada ser humano, então, o mesmo acontecimento pode ser contado de formas diferentes dependendo de quem o conta. A autonarrativa busca dar sentido ao que precisa ser narrado. Marques e Satriano (2017) falam dessa relação entre autor

e espectador nos seguintes termos:

...garante-se o aspecto relacional visto que o eu é formado por vários “eus” e o “outro”, não se nasce sujeito, se constitui um. O si mesmo é marcado pela fluidez, é marcado por um passado, um presente e um futuro que se entremeiam (três tempos: passado-presente; presente-presente; futuro-presente) e se atualizam, uma vida em aberto, na qual o inesperado faz parte e a (re)leitura é permitida. (MARQUES; SATRIANO, 2017. p. 373).

A autonarrativa, apesar de ser o “eu” quem está contando, considera também aquilo que foi contado por terceiros, como a família e os amigos. Se alguém narra alguma coisa, é porque essa pessoa quer ser ouvida e dar sentido àquilo que se é contado. Abre-se a oportunidade de compreensão de que a realidade e os sentimentos do outro se diferem dos seus, trazendo uma riqueza a mais no modo de se pensar e agir com o próximo e, conseqüentemente, de gerar empatia.

Ainda segundo Marques e Satriano (2017, p. 372), “No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado”. Essa característica se mostra adequada aos objetivos deste estudo no qual se buscou investigar a relação entre afetos e escolhas profissionais, com base nos meus processos de desenvolvimento escolar pessoais e em minhas experiências tanto dentro quanto fora do curso de Pedagogia.

Procedimentos metodológicos

Para a realização deste estudo, na construção da narrativa de minhas memórias, utilizei um roteiro com tópicos de aspectos que gostaria de abordar. Além da pesquisa autobiográfica, também foi necessária a pesquisa bibliográfica, tendo sido consultadas fontes como vídeos, blogs, artigos etc, na medida em que foi preciso o esclarecimento de conceitos e noções importantes

para a análise do narrado. E a leitura do livro “Orientação Profissional - A abordagem sócio-histórica” de Silvio Bock, na busca pela compreensão de questões da orientação profissional e do processo de escolha.

Para análise do processo de desenvolvimento profissional, também foram utilizadas a auto-observação de meu desenvolvimento na disciplina de estágio obrigatório em uma escola de ensino fundamental em Brasília/DF, e busquei conversar sobre interesses e escolhas com profissionais tanto da educação quanto de outras áreas.

Os textos lidos e vídeos assistidos sobre o tema se conectam com minhas experiências de vida dentro das escolas frequentadas e dentro da universidade, assim como as observações e reflexões feitas nos estágios realizados durante o curso. Busquei, assim, compreender o que os teóricos dizem sobre a afetividade e como ela impacta nas escolhas profissionais das pessoas, além de entender como o desenvolvimento escolar afeta no empenho e interesse das pessoas em relação às várias áreas de conhecimento.

Nesse sentido, as informações coletadas nas leituras, observações e conversas tiveram o objetivo de auxiliar nas reflexões, na relação teoria e prática, para dar conexão às ideias geradas durante o processo de pesquisa sobre como a afetividade impacta, positiva ou negativamente, nas escolhas profissionais de cada pessoa.

SOBRE O CAMPO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Figura 4: Lettering As pessoas não estão sempre iguais



Fonte: Elaborado pela autora

O surgimento do problema da escolha profissional

Para compreender melhor quando surge a questão da escolha é necessário entender como os ancestrais da humanidade faziam a divisão e definiam as funções de trabalho. Trago os estudos de Bock (2013), que explica como ocorriam as ocupações nessas sociedades.

O autor afirma que, dentro das várias sociedades, os indivíduos nem sempre tiveram que fazer escolhas profissionais, como, por exemplo, em grupos sociais em que o trabalho era apenas para a sobrevivência, com práticas de agricultura e caça. Essas práticas já eram pré-definidas considerando o sexo e a idade do indivíduo.

Posteriormente, como destaca Bock (2013), na Grécia Antiga, o ócio era a atividade estimada pelos homens livres, enquanto a produção material era a função dos homens não-livres. Ainda, para os cidadãos não-livres, não existia uma oportunidade de escolha, pois a atividade exercida dependia da condição familiar, da estrutura social ou das vitórias em guerras. Bock (2013, p.17) esclarece que “a forma como se dava a luta pela sobrevivência não dependia das escolhas. Ao contrário, as condições estavam estabelecidas aprioristicamente pela estrutura da sociedade e a forma como ela se organizava”.

Avançando na história, o autor cita o feudalismo, na Idade Média, no qual a sociedade era dividida em camadas sociais, e explica, “a posição na sociedade e mesmo a ocupação são transmitidas de pai para filho, como se fosse uma determinação divina” (BOCK, 2013, p. 18). Podemos ver, novamente, que não há escolha profissional nesse tipo de organização social, trata-se de uma produção ainda voltada para o sustento dos indivíduos.

A noção de vocação, no feudalismo, era baseada na concepção religiosa, ou seja, o indivíduo ocupa aquela função porque Deus quis assim, mesmo que existisse violência, desvalorização e injustiça.

Foi a partir do capitalismo, como Bock (2013) esclarece, que a questão da escolha profissional começou a ser relevante para as sociedades. Nesse período, os cidadãos eram “livres”, ou seja, aqueles que não eram donos dos meios de produção tinham a “liberdade” de vender a sua força de trabalho. Desse jeito, o indivíduo não mais exercia uma atividade herdada pela família, e sim pela “conquista” do trabalho. Essa forma de produção visava não só o sustento individual, mas também buscava gerar lucro. O autor afirma que:

mais tarde, na chamada Revolução Industrial, introduzirá a divisão técnica do trabalho. É nesse momento que a questão da seleção e, por consequência, a escolha profissional, passam a ter importância, uma vez que passa a prevalecer a ideia do

homem certo no lugar certo, visando maior produtividade.
(BOCK, 2013, p. 20)

A vocação humana também ganha outro conceito: o que antes era explicado como algo divino, agora é uma vocação biológica. Nesse caso, se o indivíduo fracassasse na sua profissão, isso seria explicado como uma má escolha e se obtivesse sucesso, seria caracterizado como uma boa escolha em função de suas aptidões biológicas. Assim, expõe que:

O ser humano nasce com atributos específicos que, se encontrarem expressão na realidade, localizam o indivíduo na estrutura da sociedade. Da mesma forma em que servem para justificar o fracasso.“ (BOCK, 2013, p. 20)

A vocação do ser humano, na perspectiva sócio-histórica, é não ter vocações a não ser a de realizar sua humanidade. Ele não nasce determinado biologicamente. E é por isso que, nessa abordagem, não se usa o termo vocação e sim, escolha profissional. A expressão sócio-histórica remete também ao fato de os indivíduos, ao longo de suas vidas, passarem por experiências que trarão impactos para as decisões que serão tomadas.

Os fundamentos da abordagem sócio-histórica

A abordagem sócio-histórica realiza uma análise crítica da orientação profissional, a qual se baseia na ideologia liberal que sustenta o capitalismo, canalizando para o indivíduo todas as responsabilidades pelo seu progresso, encobrindo injustiças e exploração inerentes ao modo de produção. Bock (2013, p. 56) afirma que o indivíduo é ator e autor, simultaneamente, de sua individualidade.

A perspectiva crítica considera a visão da abordagem liberal determinista por naturalizar fenômenos históricos, para Bock (2013) ela possui limites , mantendo as desigualdades sociais de acordo com os privilégios conquistados pelas classes dirigentes.

Para a abordagem sócio-histórica, as profissões e ocupações têm história e modificam-se no tempo em função de variáveis econômicas, políticas,

sociais e tecnológicas. Os indivíduos se modificam com o tempo, adquirindo habilidades, mudando interesses e transformando características pessoais. Logo, Bock (2013) declara que os seres humanos são multideterminados.

O autor afirma que o indivíduo escolhe, mas ao mesmo tempo, não escolhe sua profissão ou ocupação, pois ele “é e não é ao mesmo tempo reflexo da sociedade, da mesma forma ele é e não é ao mesmo tempo autônomo em relação à ela” (BOCK, 2013, p. 57). A posição social do indivíduo é o que vai determinar o grau de liberdade para fazer as suas escolhas, mas sua liberdade será, a todo momento, multideterminada.

A perspectiva sócio-histórica acredita que as escolhas podem modificar-se ao longo do tempo, com a intervenção de alterações sociais, através da execução de atividades pessoais ou coletivas. Nesse caso, as pessoas podem batalhar para conseguir uma melhor condição de vida para si ou para uma comunidade.

Com referência em Vygotsky, que define o que é ser humano a partir da personalidade social, Bock (2013 p. 58) explica que “o que era inter-subjetivo passa a ser intra-subjetivo”, processo este feito através da comunicação. Portanto, a abordagem escolhida procura entender o indivíduo como parte da sociedade de maneira ativa e dialética.

Em relação a aproximação com as profissões deriva da abordagem sócio histórica que não podemos continuar com a visão de que existem perfis para cada profissão ou ocupação, então, é preciso que compreendamos a aproximação do indivíduo com as profissões a partir de uma visão mais ampla na interpretação das individualidades dos seres humanos.

Bohoslavsky aponta que os seres humanos não pensam ou operam as profissões de modo genérico. Esse autor explica: "Nunca se pensa numa carreira ou numa faculdade despersonalizada. [...] O futuro implica *desempenhos adultos* e se trata, novamente, de um futuro personificado" (BOHOSLAVSKY, 1977, 53, citado por BOCK, 2013, p. 63).

Na visão sócio-histórica, o indivíduo constrói sua personalidade através das suas experiências. Isso significa que a minha escolha em ser pedagoga não foi definida apenas pelo pensamento “quero ser pedagoga” e, sim, entre outros aspectos, pelo meu contato com professores e pedagogos e pelos bons afetos dados e recebidos por essa figura durante a minha trajetória escolar. Para explicar melhor esse processo de aproximação, Bock ressalta que:

Ao pensar numa profissão, a pessoa mobiliza uma imagem que foi construída a partir de sua vivência por meio de contatos pessoais, de exposição à mídia, de leituras (biografias, romances, revistas etc.), de ouvir dizer. (BOCK, 2013, p. 64)

No meu caso, o que me aproximou da profissão de pedagoga foram os contatos pessoais com as minhas professoras, os seriados e filmes assistidos, que eram baseadas no contexto escolar, e o "ouvir dizer" sobre a profissão, que foi o conselho que a estagiária me deu para cursar Pedagogia.

Bock (2013) também apresenta outro fator que desenvolve a imagem das profissões: valores sociais. Como já mencionado, minha vontade em ter contato com crianças, cuidá-las, ensiná-las e acolhê-las para que elas tenham um bom desenvolvimento, pensando que elas serão nossos futuros cidadãos da sociedade, é o valor social que me levou a fazer minha escolha profissional. Foram esses pontos que construíram a imagem que eu tenho de um profissional pedagogo.

A sonoridade do nome pode ser um dos diversos fatores que nos fazem *ir mais ou menos com a cara* de uma profissão. O autor exemplifica citando profissões pouco conhecidas que têm a sonoridade do nome desagradável. Isso pode afastar o interesse das pessoas em se aprofundar mais sobre como aquele profissional exerce suas funções. Diferente das que têm nomes mais chamativos e simples, que sugerem uma imagem confortável. Nesses casos, o nome aproxima as pessoas e “abre portas” para que sejam profissões mais buscadas.

As pessoas constroem as imagens das profissões ao longo de sua vida, devido à sua socialização. Essa construção, muitas vezes, vem das imagens que a mídia frequentemente generaliza, como em filmes ou em desenhos animados, das imagens já construídas por pessoas próximas etc. Considerando as individualidades e particularidades de cada um, a imagem de uma mesma profissão é diferente para pessoas distintas. Não se pode dizer que essa imagem condiz com a realidade ou não. Ela deve ser aperfeiçoada e isso resulta na aproximação ou no desinteresse das pessoas pela profissão.

O processo de identificação engrandece essas imagens. Bock (2013, p. 66) explica que a identificação “responde a necessidades subjetivas que também foram construídas na relação com a história e o ambiente social”.

O programa de orientação profissional desenhado por Bock (2013) busca um caminho transformador. A princípio, por ser uma atividade interdisciplinar, o autor almejava a contribuição de profissionais de várias áreas, mas com maior expressão a pedagogia, psicologia e sociologia.

Originalmente, como explica Bock (2013), o programa deveria ser constituído por equipe interdisciplinar, buscando ir além do discurso fechado de cada área, porém, sem perder o que é específico de seus campos, "possibilitando a atuação dos profissionais numa intervenção em grupos sem diferenciar as funções" (p. 67). Nesse contexto, o orientador tem como objetivo não o diagnóstico da "melhor profissão" considerando as características ou a personalidade da pessoa, "mas, sim, condicioná-la a refletir sobre si, podendo fazer a escolha de maneira mais abrangente" (p. 67). Ressalta ainda que:

O trabalho em grupo é privilegiado em relação ao atendimento individual, por se entender que a dinâmica estabelecida enriquece o processo, permitindo a observação das dificuldades, opiniões, valores, interesses e projetos de vida do outro. A diversidade e a heterogeneidade são valorizadas. Cada um enxerga de forma diferente a vida e, num ambiente e sociedade democráticos, todos podem aprender com todos; pode-se perceber que não existe uma única verdade e um único caminho a seguir, apesar de todos terem em comum a exposição constante à ideologia da classe dominante. (BOCK, 2013, p. 68)

Por ser em grupo, as pessoas têm contato com outras várias formas de perceber cada um dos aspectos que construíram as imagens das profissões, uns dos outros. Sendo assim, a imagem que uma pessoa tinha de uma certa profissão pode ser modificada considerando a imagem que uma outra pessoa possuía dessa mesma profissão, ampliando os pontos de vista e os modos de pensar do grupo.

Figura 5: Lettering Afetividade



Fonte: Elaborado pela autora

Na infância, minha brincadeira favorita era brincar de escolinha, ser professora ou até mesmo aluna. Inventava deveres de casa e atividades. E, como sempre me identifiquei com crianças bem mais novas que eu, brincava com elas e, ao mesmo tempo, sendo normal para mim sentir a necessidade de fazer algo pelas crianças, de ser alguém em quem elas possam confiar e buscar, dando a elas mais oportunidades de serem melhores nos seus

desenvolvimentos escolar e pessoal. Sempre fui muito observadora e gostava de analisar e comparar os comportamentos de cada criança.

Em 2010 estava cursando o 9º ano do Ensino Fundamental. Os alunos eram encaminhados para a coordenação por diversas situações que passavam enquanto estavam dentro da escola. Alunos com enfermidades buscavam remédio, alunos atrasados aguardavam o horário seguinte, divergência entre colegas eram resolvidas, entre outros.

Eu era encaminhada para a coordenação por diversos motivos e, por conta dessas frequentes visitas, desenvolvi um afeto enorme com a estagiária que trabalhava lá. Conversávamos sobre várias coisas e, uma delas, era sobre como eu admirava o trabalho dela e tinha vontade de exercê-lo. Em uma dessas conversas, ela me disse que fazia faculdade de História mas, como ela já estava ciente do meu pouco gosto pela disciplina na escola, me aconselhou a cursar Pedagogia, que é um curso focado em Educação e, conseqüentemente, em escola também.

O que essa estagiária me transmitiu foi muito além do que o papel dela dentro da escola. Me senti acolhida, o que gerou uma grande confiança nela. Hoje, o que eu percebo é que os afetos que eu criei por ela e pelas atividades que ela exercia foram determinantes para que eu escolhesse a minha profissão. Essa troca de afeto é importante para que os alunos desenvolvam confiança também na escola, melhorando seu desenvolvimento pessoal e social.

Apesar de já ter pensado em fazer Psicologia, por ter interesse nos comportamentos humanos, acredito que tenha sido nesse momento que eu decidi que iria cursar Pedagogia. Além disso, os meus pais nunca se opuseram à minha decisão e sempre apoiaram a minha escolha profissional.

Além do incentivo da estagiária, minha mãe também sempre me motivou a fazer faculdade, independente do curso que fosse escolhido. Minha tia, como ex aluna da UnB, me estimulou a fazer o vestibular. Meu pai sempre me incentivou a estudar, apesar de não ter acompanhado minha caminhada na maior parte do tempo. Meu irmão mais velho, que sempre foi muito estudioso e dedicado, me incentivou e motivou a estudar para Pedagogia. Por ser formado em Educação Física e ter trabalhado como professor em escola pública, ele

está muito ligado ao sistema de educação e sabe como é importante o papel do professor para a educação do nosso país.

Em 2013, cursando o 2º ano do Ensino Médio, fiz o vestibular como treineira a fim de analisar o meu potencial e, assim, poder me esforçar mais para estudar e garantir uma educação superior de qualidade. Na época, minha nota não foi o suficiente para passar, mas com o apoio da minha família e dos meus amigos, resolvi, no ano seguinte, fazer o vestibular, já que nesta oportunidade, por haver me dedicado, havia esperança de passar.

No meio do 3º ano do Ensino Médio, fui aprovada em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Assim que vi meu nome na lista de aprovados, me veio à memória a estagiária do Ensino Fundamental, mesmo já havendo perdido o contato com ela.

Essa experiência resultou em um misto de emoções positivas, como a felicidade em entrar para a universidade, e negativas, como não poder concluir o ensino médio regular se quisesse garantir a vaga na UnB, apesar da enorme vontade de sair do Ensino Médio, pela frustração em não conseguir tirar boas notas, mesmo estudando, e o descaso dos professores com alunos que, como eu, estavam caminhando para a reprovação.

As emoções e os sentimentos são determinados pelas relações sociais. Eles se modificam e se desenvolvem ao longo de nossa trajetória de vida, sendo impactados por aspectos culturais e imposições sociais diversas. Na relação com a perspectiva sócio-histórica, compreendemos que é por meio dos sentimentos e emoções que reagimos ao mundo que nos cerca, às situações, pessoas, fatos. Nesse momento, a aprovação no vestibular e a possibilidade de reprovação no Ensino Médio produziram várias emoções, levando a sentimentos conflitantes, positivos e negativos, relacionados, ao mesmo tempo, ao sucesso e ao fracasso.

O papel da escola vai muito além de ensinar conteúdos. É fundamental que a escola incentive a busca da aprendizagem e de novos saberes de forma prazerosa, a fim de despertar a ânsia dos alunos pelo conhecimento, descobrindo cada vez mais sobre o mundo que os cerca. Além disso, a educação é um meio de mudança e transformação, que possibilita aos indivíduos o desenvolvimento das relações sociais. É dentro da escola que se

formam cidadãos com valores, caráter e princípios morais, buscando o respeito em sociedade, o autoconhecimento, as responsabilidades. O “viver em sociedade”, que é ensinado na escola, deve considerar que devemos aprender também a lidar com situações desagradáveis de maneira que não prejudiquem os aprendizados.

Como no 3º ano do Ensino Médio eu estava caminhando para a reprovação e, ao mesmo tempo, sendo aprovada no vestibular, é difícil identificar onde eu havia fracassado e onde eu havia tido sucesso. Talvez tenha sido o tipo de prova e o método de avaliação, que eram diferentes.

Ainda no 3º ano do Ensino Médio, lembro-me de ter estudado bastante para uma prova de História, disciplina que eu sempre tive dificuldade. Fiz a prova com confiança de que tiraria uma nota boa, mas ao receber o resultado da prova, fiquei frustrada. O professor havia me dado uma nota abaixo da média quando, para mim, eu merecia, pelo menos, a média.

Pergunto se, por ter estudado muito, eu criei expectativas positivas, ou se o professor foi muito rígido ao avaliar a prova baseado nas falas dele. Talvez o método que ele utilizou para avaliar a minha escrita não tenha considerado o conteúdo que eu sabia, mas sim o modo como foi escrito. Ou, talvez, o sistema de provas da minha escola não tenha sido eficaz para a avaliação do meu conhecimento sobre o assunto. Na época, acreditava que a culpa era somente do professor, que era rígido, e do conteúdo ser difícil. Hoje, pensando nesse fato, compreendo que, apesar da minha frustração em tirar uma nota abaixo do que eu esperava, eu deveria ter corrido atrás do porquê, de saber onde eu errei, onde eu estava em falta com o conteúdo, e não apenas ter aceitado aquela situação.

O sistema de avaliação escolar atual, na minha perspectiva, muitas vezes avalia o que o aluno decora, e não o que ele aprende de fato. Além disso, provas e testes podem ser mentalmente exaustivos para alguns alunos, por serem submetidos à pressão das provas e resultando em uma desconcentração, o que acarreta mal rendimento. A exemplo disso, temos as provas de vestibular, onde os vestibulandos, às vezes, se deparam com mais de 100 questões para serem resolvidas em algumas horas. Analisando essas situações, concluo que, apesar do papel já citado da escola na vida dos

estudantes, é preciso que os estudantes consigam identificar métodos de estudo que irão atender às suas necessidades e dificuldades, em busca de um melhor aprendizado.

Na escola em que eu cursei os primeiros anos do Ensino Fundamental havia um projeto de literatura que tínhamos que pegar um livro diferente na biblioteca toda semana e fazer um resumo dele. Nunca gostei de ler, então, eu copiava o resumo da orelha dos livros. Creio que os professores não notavam ou, se notavam, não comentavam. Pelo autoconhecimento, percebi que embora não gostasse de ler, eu adorava escrever. Os meus cadernos eram sempre completos, escrevia cartas, copiava letras de músicas.

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a leitura era incentivada, mas a análise de interpretação de texto era desconsiderada, pelo fato de as professoras não trazerem um retorno sobre as anotações feitas do que foi lido, então, eu não tinha conhecimento se o que eu havia interpretado era certo ou errado. Como citado anteriormente, hoje entendo que deveria buscar pelo retorno das professoras, ao invés de só esperar a atitude vir delas. Depois de ter trabalhado como professora estagiária, compreendi que a demanda dos educadores também é grande e que, nem sempre, elas conseguiriam atender às dificuldades de cada aluno individualmente.

Me lembro de ter sido muito interessada no trabalho da minha mãe, a ponto de pedir para ela me levar, e lá me oferecia para ajudar nas coisas mais simples, que eu entendia e era capaz. Sempre atendi muito bem aos comandos de tarefas, só bastava alguém ensiná-las a mim que eu realizava. Sabendo que para exercer a função de secretária pública que minha mãe exercia, preparando projetos de lei apresentados pelos deputados, tirando dúvidas das comissões permanentes da Câmara dos Deputados, era necessário estudar e fazer leituras, o interesse deixou de existir.

Hoje, não me sinto diferente. Acho fácil e agradável fazer qualquer tipo de coisa, desde que não envolva leitura, já que quando tenho que ler para terminar uma tarefa, não tenho um bom rendimento. Esse fato da minha infância me fez entender que eu gosto do ato de trabalhar. Apesar de ter livros em casa e de minha mãe ser uma leitora voraz, não tive estímulo nem interesse para o hábito de ler e nem para compreender plenamente as coisas

que era obrigada a ler.

Minhas experiências nos estágios foram cruciais para que eu não perdesse completamente a motivação no curso de Pedagogia, porque foram nelas que permaneci com a minha vontade de ser uma educadora.

A primeira experiência foi em 2016, num colégio particular da Asa Sul, no turno da manhã, na Educação Fundamental I. Estagiei lá por 6 meses. Eu auxiliava todas as professoras, recebia os alunos na entrada e os entregava para os responsáveis na saída, além de acompanhá-los na hora do lanche e do recreio. Fazia a correção dos cadernos e das atividades e organizava os comunicados e provas.

Como primeira experiência, sinto que foi muito proveitosa para entender e conhecer de perto o funcionamento da educação escolar nessa faixa etária, como devemos tratar as questões diárias com as crianças e suas individualidades.

Me deparei com algumas questões em relação ao ensino dessa escola que não me agradavam como futura pedagoga. Era raro que as crianças tivessem um momento de aprendizado fora da sala envolvendo brincadeiras, então, elas ficavam quase que o turno todo dentro de sala, sentadas nas carteiras, ouvindo a professora falar e copiando conteúdo do quadro.

Na hora da saída, os alunos esperavam seus responsáveis dentro de sala, fazendo atividades complementares. Com alguns aprendizados dentro da faculdade, acho que o ensino para crianças precisa levar em consideração o lúdico, divertido, pelo menos em alguns momentos, para que o aprendizado não seja tão mecânico e monótono. Na perspectiva de ensino que desenvolvi, a escola parecia estar preparando as crianças para fazer vestibular, com provas e atividades complexas que exigiam muito delas. Acredito numa educação mais livre, onde o conteúdo possa ser passado de forma mais leve, sem ser tão maçante para os alunos, implicando num melhor desenvolvimento da aprendizagem.

Além disso, ocorreu uma situação em que os alunos precisavam fazer um trabalho de artes, construindo um mosaico com biscoito. Os biscoitos foram moldados e cortados pelos estagiários para que os alunos não tivessem tanto trabalho e o tempo fosse otimizado. Assim, com o biscoito já pronto, eles fizeram o mosaico como eles quiseram. Esse quadro foi feito para dar de presente para as mães, no dia das mães. A coordenadora não gostou de alguns trabalhos, fazendo os alunos repetirem todo o processo da atividade. Isso me causou desconforto, por não validar o que cada um havia feito e, de certa forma, tolher a criatividade dessas crianças. Não senti acolhimento por parte da coordenadora, nem reconhecimento. Sinto que isso possa causar insegurança nas crianças, desenvolvendo outras dificuldades pessoais para elas.

Como sou uma artista de *lettering*, entendo que cada um tem seu tempo e seu processo, no caso, em relação às artes. Poucas vezes uma peça feita pela primeira vez irá resultar numa arte bonita, além disso, o bonito é relativo. Sei como é importante respeitarmos, aceitarmos e acolhermos esse processo individual, sem que a pessoa precise repetir por não ter suprido as expectativas do outro, motivando por meio de práticas, e não de repreensão.

A segunda experiência foi numa empresa, no Sudoeste, de aulas de reforço para crianças, a maioria com necessidades especiais. Estagiei lá por 3 meses, pois a empresa precisou cortar gastos. Nessa empresa, eu dava aulas particulares para alunos do Ensino Fundamental e para uma aluna de Educação Superior do curso de Pedagogia.

Foi um aprendizado e tanto por ter tido contato com várias crianças especiais, mas senti falta do auxílio das professoras regentes que trabalhavam lá para lidar com algo que era novo para mim. Mas a iniciativa da empresa de atender pessoas com dificuldades de aprendizado dentro da escola, me motivou a ter um olhar mais cuidadoso com esse público.

De forma geral, é preciso ter muita calma e paciência com os alunos, além de ter conhecimento sobre como cada um aprende para poder encontrar maneiras de ensinar que possibilitem um bom rendimento. Contudo, no trato de pessoas com necessidades educacionais especiais, é necessário

também conhecer os meios para auxiliá-las em seu processo de aprendizagem considerando suas necessidades específicas.

Fora do ambiente escolar, tive a oportunidade de cuidar de uma bebê dos seus 6 meses até o seu 1 ano de idade. Eu a buscava às 7 horas da manhã em sua casa e a levava para a minha, onde cuidava dela dando banho, dando comida (lanche, almoço e jantar), fazendo-a dormir duas vezes por dia (uma de manhã e uma a tarde), até a mãe sair do trabalho, às 17 horas, quando a buscava na minha casa. Sinto que essa experiência foi mais de cuidado do que de ensino, apesar de eu sempre tentar trabalhar com ela cores, formas, alimentação, letras e números e os comportamentos esperados para sua idade. Percebi que cuidar de uma criança tão pequena demanda muito mais atenção e cuidado para que não ocorra nenhum acidente e para que seus desenvolvimentos motor e cognitivo sejam bem articulados.

Outra experiência que tive, dentro de uma escola particular, foi num centro educacional particular, em Brasília, onde exerci a função de auxiliar das professoras e da coordenação do Ensino Fundamental I, no turno da tarde. Recebia os alunos na hora da entrada, que era um momento em que eles tinham a oportunidade de fazer várias atividades. Dividíamos a quadra, disponibilizando cesta e bola de basquete, gol e bola para jogar futebol, uma corda para pularem individualmente ou em conjunto, raquetes e bolinha para jogar tênis, gibis e revistas para lerem. Assim, penso que as crianças já começavam seu dia na escola de maneira descontraída.

Eu também acompanhava e observava as crianças na hora do lanche e na hora do recreio. Nesse momento, eu precisava estar atenta para que os alunos lanchassem antes de irem brincar. Assim que a criança terminava de lanche, poderia ir para o recreio, entendendo que antes do lazer, existem deveres a serem cumpridos.

No recreio, eram disponibilizadas várias quadras, em que as crianças eram divididas por ano do Ensino Fundamental I, assim, não tinha problema de os alunos maiores interromperem ou atrapalharem os alunos mais novos. Eram disponibilizados também bambolês, cordas, jogos de tabuleiro e livros, fazendo com que as crianças tivessem várias opções de brincadeiras.

Na hora da saída, se estivesse chovendo, dividíamos as crianças nas salas de aula, disponibilizando atividades como pintura com lápis de cor e gibis. Em outra sala colocávamos vídeos de dança para elas dançarem as coreografias e disponibilizávamos alguns tabuleiros também. Quando não estava chovendo, íamos para uma área de lazer que tinha um bom espaço para as crianças brincarem com bolas, bambolês, com seus brinquedos e nesse espaço também tinha uma mesa de totó, onde as crianças faziam uma fila para jogar.

Também auxiliava as turmas ao final das aulas de natação, quando as crianças precisavam de uma atenção maior para poderem se trocar e se arrumar. Além de um lugar de aprendizado, a escola pode ser percebida também como um lugar de brincadeiras, diversão e socialização, despertando interesse maior das crianças em frequentá-la.

Nessa escola, os alunos que faziam inglês no turno contrário tinham a opção de não assistirem às aulas de inglês do currículo, algo que me intrigava pois, para mim, não havia necessidade de os alunos não aproveitarem também essas aulas. Então, nesse horário eu ficava com 4 alunos que estavam nessa condição, dando a eles atividades enviadas pelas professoras. Nessas ocasiões, tive muita dificuldade de me impor e manter o controle, pois era uma coisa nova e eu não tinha aprendido ainda a lidar com os alunos dentro de sala.

Além disso, nem sempre as professoras organizavam as atividades para eles, fazendo com que eu tivesse que propor, em cima da hora, algo que conversasse com os conteúdos abordados na sala de aula. Essa também foi uma grande dificuldade para mim, pois não conseguia elaborar essas atividades às pressas, não os acompanhava em sala e não tinha conhecimento do que eles estavam estudando.

Eu gostava muito de trabalhar lá, porque via que os alunos aprendiam de maneira divertida e dinâmica e tinham vários momentos descontraídos durante o dia. Interrompi este estágio com muito pesar por conta dos horários que chocavam com as aulas da UnB.

Em 2022, tive a experiência de estagiar no colégio particular, no Plano Piloto. Nesse estágio, além de auxiliar as professoras, eu recebia e entregava os alunos de todas as séries, desde o Maternal II até o 2º período. Tinha a minha turma fixa do 2º período, a qual eu acompanhava durante o dia e principalmente nas aulas especializadas, como as de Inglês, de Movimento (Educação Física), de Música, de Informática e de Contação de Estórias. Também os acompanhava na hora do lanche e do recreio.

Essa experiência, acontecendo juntamente com a etapa final do curso, me fez ter mais certeza de que a área de atuação que eu mais me identifico é a Educação Infantil. Sinto que eu me envolvo muito mais com as crianças dessa faixa etária e assim me sinto mais confortável para lecionar. O meu contato direto com uma única turma me fez perceber que temos que ter um olhar não só amplo, para identificar o perfil da turma e de todas as crianças com as quais estou lidando, mas também um olhar mais focado, percebendo as individualidades de cada uma e como lidar com os desafios que elas me proporcionam no dia a dia.

Nesse tempo trabalhando com uma turma fixa e realizando algumas atividades com ela, consegui identificar as individualidades de alguns dos alunos. Tinha uma aluna que chorava todo dia por qualquer coisa e parecia-me que ela fazia isso pra chamar atenção ou para conseguir as coisas do jeito dela. Acredito que isso possa ser reflexo de falta de algum tipo de afeto nas relações dessa criança, desenvolvendo comportamentos negativos.

Um outro aluno apresentava um perfil mais agressivo, tentava resolver as coisas com violência, batendo nos colegas. Depois de conversar com ele e com a professora, entendi que talvez essa atitude seja vivida dentro de casa com a reprodução desse mesmo comportamento na escola. Quando comecei a dar uma atenção mais gentil para ele e a incentivá-lo a ter um olhar mais carinhoso com os colegas, percebi que as atitudes agressivas diminuíram, além de seu desempenho nas aulas ter melhorado.

Conclui que a relação que eu tenho com os alunos e a relação que eles têm entre si melhoram com a convivência e com o conhecimento de como cada um reage, aprende, se comunica. No texto "Impactos da violência escola:

um diálogo com os professores”, de Lyra, Constantino e Ferreira (2010), é ressaltado que a violência familiar repercute na saúde das pessoas, trazendo dificuldades ao cotidiano escolar, podendo a escola, inclusive, aumentá-la, se não tiver conhecimento de como tratá-la.

O Projeto 4.1, referente ao estágio obrigatório da Pedagogia na UnB, foi realizado em uma escola de educação infantil pública no Plano Piloto, onde foi feita a observação dos alunos do 1º período e auxílio para a professora. Durante o semestre, fazia anotações do que eu considerava relevante para o meu aprendizado no curso. Como dito na minha experiência atual, pude observar e identificar as individualidades de alguns alunos nesse período, a fim de buscar alguma maneira pela qual pudesse ajudá-los a ter um desempenho e uma relação social melhores.

Nesse estágio obrigatório, tive dificuldades por conta da minha timidez e da minha insegurança. Eu auxiliava a professora no que ela me pedisse, mas, ao me pedir para fazer uma contação de estória para as crianças, o bloqueio já mencionado manifestou-se e eu não consegui. Como eu visitava a escola 2 vezes na semana, para fazer as observações, eu não me sentia confiante para dar e desenvolver qualquer atividade, por não ter o contato direto com a turma.

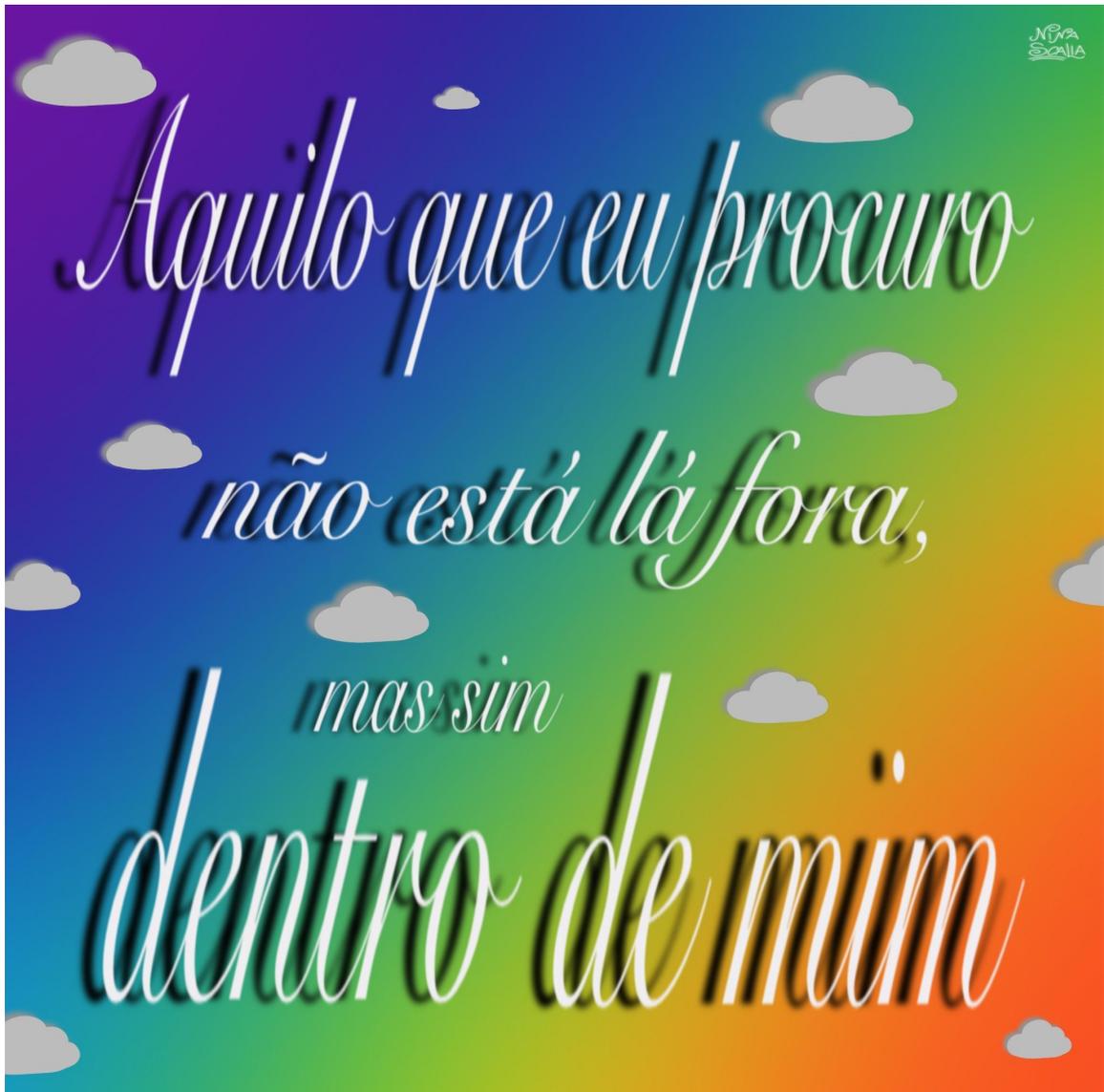
No primeiro semestre de 2022, no Projeto 4.2, fiz o estágio obrigatório numa escola classe, onde consegui superar o bloqueio em lecionar. Durante esse estágio, superei as dificuldades mencionadas. Acredito que, por eu já ter tido experiências dentro de sala com as crianças, eu aprendi a lidar com o fato de que, para ser uma pedagoga, era preciso me organizar e me permitir desenvolver e dar aulas para elas. Planejei aulas de Português, trabalhando as letras C e Ç e as sílabas CA, CE, CI, CO, CU e aulas de Matemática, com operações de soma e subtração. Nessas aulas, trabalhei a partir de jogos, como bingo, adivinhação e competição entre grupos.

Acompanhei o desenvolvimento da leitura com cada aluno, auxiliando quando percebia alguma dificuldade. Antes de dar a primeira aula, senti muito nervosismo, achando que novamente iria falhar, mas fiz um trabalho mental para ter coragem e confiança e consegui realizá-la. A partir daí, todas

as atividades que eu tive que mediar foram um sucesso, sendo elogiadas e compartilhadas pela professora regente da turma, me trazendo confiança no meu potencial.

NARRATIVA FICCIONAL: DIÁLOGO COM UM ORIENTADOR
PROFISSIONAL

Figura 6: Aquilo que eu procuro



Fonte: Elaborado pela autora

Neste capítulo foi desenvolvida uma narrativa ficcional de uma conversa, a qual eu represento os dois personagens do diálogo, trazendo uma discussão sobre os campos de orientação profissional e o que pode afetar nessas escolhas tão importantes.

Orientador: A orientação profissional trabalha diversos campos do desenvolvimento dos adolescentes e dos jovens, como a personalidade,

maturidade e, principalmente, os interesses profissionais, como nos ensina Noronha e Mansão (2012).

Eu: Nesse sentido, acho interessante que essa orientação seja iniciada durante o desenvolvimento da criança, para que ela se reconheça e encontre seus interesses, suas paixões, seus gostos e desgostos, e assim, tenha confiança em fazer suas escolhas.

Orientador: Você tem razão. As autoras que citei antes, com referência em Savickas, apresentam o argumento que, para que esses indivíduos descubram os seus interesses, é preciso que o professor oriente-os, trazendo informações sobre o mundo do trabalho e desenvolva atividades onde esses alunos consigam identificar seus interesses, a trajetória de suas experiências no campo profissional. A investigação dos interesses faz com que o indivíduo tenha menos dificuldade ao optar pelo campo profissional onde ele poderá sentir maior satisfação ao atuar no trabalho, porém sem desconsiderar a alienação e a precarização que atingem o trabalho no capitalismo. Nessa abordagem, apontada por Noronha e Mansão (2012), julga-se relevante que os jovens conheçam o mercado de trabalho e como ele funciona para que se sintam preparados para lidar com conflitos, internos ou externos. Bock (2013), em sua proposta de programa para orientação profissional também fala da necessidade de informações sobre o trabalho. Lembra do livro dele que você leu?

Eu: Sim. Mas penso que também é importante a exploração dos interesses, e também dos afetos, porque são relevantes para que o indivíduo faça uma boa escolha profissional a partir do processo de identificação. As autoras que você citou dizem que os afetos ajudam no desenvolvimento do ser humano no quesito autoconfiança e autoconhecimento. Os afetos positivos trazem sensações prazerosas para o indivíduo e, por consequência, a animação e crença de que a escolha feita tenha sido a melhor para ele. Já os afetos negativos implicam insegurança e dúvida sobre o caminho seguido, se foi a escolha mais acertada, o que gera insatisfação. Os sentimentos que os afetos positivos trazem para os indivíduos são de alegria, orgulho, amor, carinho, felicidade e alívio, enquanto os afetos negativos geram sentimentos de raiva, ansiedade, tristeza, culpa, vergonha, inveja, ciúme e desgosto... Posso

dizer que na abordagem sócio-histórica esse seria um dos fatores que faz com que desenhemos uma *cara* para uma certa profissão?

Orientador: Interessante. Noronha e Mansão (2012) trabalham com uma perspectiva diferente, a da Psicologia Positiva de Martin Seligman. Ele é um psicólogo estadunidense. Você conhece o que defende essa abordagem?

Eu: Pelo que li no texto, ele deu ênfase a conceitos de bem-estar, por exemplo, e defendia que isso deveria ser ensinado na escola, pois melhoram a aprendizagem e podem favorecer a atenção, o pensamento crítico e prevenir a depressão. É isso?

Orientador: Isso. Com base nesse pensamento, as autoras destacam ainda que existe uma pressão muito grande da sociedade, ao final do Ensino Médio, para que os adolescentes estejam decididos sobre o seu futuro, resultando em um momento de conflito interno do indivíduo. Elas defendem, então, a importância desses jovens terem um acompanhamento de orientação, com um olhar mais cuidadoso pelo desenvolvimento deles, ampliando o conhecimento e autoconhecimento, buscando trabalhar seus interesses e suas certezas. Acreditam que essa abordagem poderia evitar uma possível depressão, inseguranças e medos. Na abordagem sócio-histórica o ponto de partida para a escolha profissional é a imagem construída... Você se lembra do texto?

Eu: Lembro. As pessoas constroem uma cara para as profissões e, é a partir dela que se gera a primeira aproximação ou distanciamento das profissões, né? Mas eu li também, no trabalho do Bock (2013), que essa relação com as profissões tem muito mais determinantes do que só a imagem construída. Eu pude identificar algumas dessas determinantes, que foram citadas pelo autor, durante o meu processo de escolha. O desempenho e interesses escolares, por exemplo, pois na minha época de escola, eu tinha um interesse e um desempenho muito maiores em disciplinas de línguas, como Português e Inglês, e disciplinas que envolviam a prática, como Artes, Educação Física e, em alguns períodos, Química e Física.

Orientador: Exatamente. E, apesar de ter se identificado com áreas de exatas, o que pesou mais para você fazer a sua escolha foram as áreas de humanas, certo?

Eu: Sim. Mas além disso, a questão dos valores também foi algo que me aproximou da Pedagogia. Como já mencionado, a importância que eu sinto em fazer diferença na vida das crianças, que serão futuros cidadãos da nossa sociedade, é o valor que me aproxima da área. O suporte que foi dado pela minha família também foi muito importante no momento da escolha. Saber que eles me apoiam nas minhas decisões faz com que eu tenha maior segurança.

Orientador: Então, ao longo do período de escolha profissional, você conseguiu identificar muitos determinantes que fizeram você optar pela sua profissão e, assim, analisá-las com outro ponto de vista.

Eu: De fato, antes eu achei que só queria ser professora, e trabalhar com crianças. Hoje vejo que a Pedagogia é muito mais. Pude analisar, a partir das minhas relações durante meu período escolar, das informações obtidas sobre o campo profissional, da questão de gênero etc, que essa foi a melhor escolha para mim e que não me vejo exercendo outra profissão. Com os conhecimentos obtidos no curso de Pedagogia e atuando na prática através dos estágios, pude conhecer o papel do pedagogo e o que ele representa, tive a certeza da minha escolha. Pelos relatos que Bock traz, coletados durante o seu programa de orientação profissional, o estágio é um momento importante da formação para ver se a pessoa se identifica com a profissão escolhida, pois ele articula a teoria e prática necessários para podermos enxergar o que a profissão mais amplamente.

Orientador: O autor traz isso em seu trabalho, quando diz que essas aproximações se dão a partir de vários contextos em que o indivíduo está inserido. E, como esses contextos estão em constante mudança, as nossas escolhas também são passíveis de fazê-la. Com a orientação profissional, os participantes entendem que suas habilidades são construídas dentro desses contextos e que elas são individuais.

Eu: Como cada um é afetado de maneira diferente, por estar em contextos sociais e trajetórias diferentes, acredito que os afetos também são de extrema importância para o desenvolvimento da personalidade das pessoas. Na minha trajetória, por exemplo, os afetos foram o determinante mais forte. O afeto é a representação de apego de uma pessoa para outra ou para algo, é

recíproco, gera carinho, confiança e amor a partir de gestos ou palavras. Constitui-se como um conjunto de atribuições psíquicas que se movimentam através dos sentimentos, das emoções e das paixões. Quando você se sente feliz com a companhia de alguém, existe afeto nessa relação, ou quando você sente saudades de algum lugar há afeto (s.a., 2019b).

Orientador: Nossa vida é rodeada de afeto ou falta dele. Ter afeto ou não se relaciona com a forma que a pessoa se sente e determinados lugares, com determinadas pessoas ou ao passar por determinadas situações. Quando esses aspectos geram conforto, podemos identificar afeto e, quando ocorre o contrário, temos a falta de afeto. Para Freud, o afeto é destinar energia psíquica do desejo a um determinado objeto (s.a., 2019b). O afeto não é apenas positivo e ele se modifica ao longo da vida. Um exemplo dessas transformações seria o da criança que, geralmente, tem muito apego pela mãe, e nela busca saciar seus desejos. A partir do momento em que a criança cria um vínculo com outras pessoas, por exemplo o professor na escola ou um irmão mais velho, ela muda o foco de onde esses desejos possam ser realizados.

Eu: Acredito que a presença do afeto pode ser muito benéfica para o indivíduo, tanto para quem o dá quanto para quem o recebe (s.a., 2019b). O afeto recíproco pode gerar auto-estima, quando a pessoa se sente amada e importante, e a sensação de inclusão, quando se sente aceita em um grupo. O afeto enriquece a vida com experiências. Ser uma pessoa afetuosa traz muitas positivities. O afeto, além de ser benéfico para o autoconhecimento, é positivo na criação de fortes relações. Mas, o afeto ou cuidado exagerado, como exemplificado com o filme, pode ser visto e internalizado de forma negativa, afastando o indivíduo das suas relações.

Orientador: Já a falta de afeto faz com que o indivíduo tenha grande dificuldade em se socializar. Além disso, pode gerar agressividade, imaturidade emocional, insegurança nos relacionamentos, depressão, dentre outros (s.a., 2019b). Os malefícios que a falta de afeto causam na pessoa podem prejudicar tanto a relação com o outro quanto a relação consigo mesmo, diminuindo a autoconfiança.

Eu: Quando estava estudando sobre o assunto, busquei

compreender a diferença entre afetos, sentimentos e emoções. Entendo que o afeto se relaciona com aquilo que nos afeta, nos atinge, podendo ser respondido de forma positiva ou negativa. É uma via de mão dupla, ao dar e receber, perturbar ou ser perturbado, amar e ser amado (s.a. 2019b). Então, o afeto pode ser compreendido como a junção de tudo que algo ou alguém causa no indivíduo. Aprendi também que os sentimentos são sensações reservadas no interior do indivíduo e são prolongados. As pessoas os conhecem a partir da consciência das emoções (s.a. 2019b). Diferente das emoções, os sentimentos não são transparentes e, para serem percebidos, é importante que sejam falados e externalizados. Já as emoções são resultado de uma causa, originadas por algo ou alguém. Elas são externas e, por isso, são perceptíveis a partir das reações corporais. Diferente dos sentimentos, sua duração é rápida e sua intensidade varia de acordo com o indivíduo (s.a., 2019b). Em resumo, os afetos geram sentimentos que são expostos através das emoções.

Orientador: O afeto é importante mesmo nesse processo. Na teoria de Winnicott, o afeto é uma proteção (s.a., 2019b). A criança pode se sentir protegida com seus familiares, ou seja, seu afeto maior é com a família. Mas, com o passar do tempo, a criança passa a ser mais livre, a se identificar com outras pessoas, desenvolvendo um novo afeto. Como no filme infantil da Disney, “Red – Crescer é uma fera”. Você já assistiu?

Eu: Assisti. É a história de uma menina de 13 anos, cuja família oriental é tradicional. Para proteger a aldeia, há uma herança na família pela qual a pessoa se transforma em um panda-vermelho quando não consegue controlar suas emoções. Com o passar do tempo e das experiências, essa herança acaba se tornando uma maldição. No filme, para controlar suas emoções e não virar um panda-vermelho, a garota pensa no conforto de estar perto de suas amigas e, quando perguntam como ela consegue controlar as emoções, mente dizendo que pensa nos pais. Ou seja, o afeto que ela tem pelas amigas é muito maior do que o que ela tem pelos pais, pois é onde ela encontra proteção contra o panda-vermelho. Isso acontece porque sua mãe é superprotetora, quer limitar as vontades da menina e impor o que ela tem que fazer ou não. Não há com a mãe um processo de identificação.

Orientador: Isso mesmo. Você já sentiu algo parecido?

Eu: Acredito que, por ter me inserido muito cedo na escola, em tempo integral, o afeto que eu desenvolvi com o papel do pedagogo sempre foi de acolhimento, proteção e carinho, o mesmo que eu sentia com os meus pais. No caso, meu afeto não foi transferido, mas era um afeto a mais representado para mim.

Orientador: Outro teórico que fala sobre afetividade é o Piaget. Ele estudou a origem da inteligência no ser humano. Em sua teoria, chamada de Epistemologia Genética, se ocupa do desenvolvimento da aprendizagem, com foco no amadurecimento das estruturas genéticas e cerebrais, ou seja, no sentido biológico (FRUTUOSO, 2020).

Eu: Para Piaget, o desenvolvimento afetivo da criança acontece em fases ou estágios, divididos em faixas etárias (SANADA, 2014). O primeiro estágio, que abarca de 0 aos 2 anos, é chamado de Sensório Motor. Nesse estágio, identificam-se os afetos instintivos e perceptivos, que estão ligados às necessidades biológicas de conforto e desconforto, sentimentos de êxito e fracasso.

Orientador: O choro e o riso do bebê expressam suas necessidades, por exemplo, sendo uma expressão espontânea. As crianças, nesse período, tentam ultrapassar seus limites para conhecer os espaços que as cercam. Nessa fase, acontece a “permanência do objeto”, que na teoria de Piaget, está relacionada à capacidade que a criança tem de substituir mentalmente a figura de um objeto (SANADA, 2014), quando o objeto não está no campo de visão do bebê, ele começa a entender que esse objeto ainda existe.

Eu: O segundo estágio é o Pré-Operatório, que vai dos 3 aos 7 anos de idade. Os afetos nessa fase são intuitivos e estão ligados à fantasia e à intuição da criança. Então, a imaginação está muito aflorada. Dos 8 aos 11 anos, temos o estágio Operatório Concreto, terceira fase do desenvolvimento, onde os afetos são normativos. Eles estão ligados à cooperação, a criança tem a necessidade de conhecer para se localizar no lugar. É quando aprende a trabalhar em grupo e a construir seu juízo moral, sendo o pensamento voltado para o campo coletivo (SANADA, 2014). Ou seja, é nessa fase que a criança começa a entender o que é certo e o que é errado, trabalhando em grupos e se

ajudando quando necessário.

Orientador: Exatamente. No quarto, dos 11 anos em diante, temos o estágio Operatório Formal, onde os afetos são reconhecidos como ideativos e estão ligados ao sistema de ideias, quando elas são construídas juntamente com os afetos (SANADA, 2014). Então, é a partir dos 11 anos que a criança começa a deduzir as situações com base em suas ideias e na sua relação com elas.

Eu: Frutuoso (2020) salienta que, além dos estágios de desenvolvimento, Piaget também escreveu sobre a construção da moral da criança, dividindo em três períodos: anomia, heteronomia e autonomia. Os significados desses termos podem ser compreendidos com base na análise morfológica. O sufixo “nomia” se refere a normas, leis, regras. Junto com o prefixo “a” que significa privação, negação, insuficiência, carência, em *anomia* diz respeito àquele que nega ou não tem normas. Junto ao prefixo “hetero”, que significa outros, diferente, em *heteronomia*, faz referência àquele que passa a se orientar em termos das normas com referência em outras pessoas. Enfim, o prefixo “auto” significa a si próprio, ou seja, *autonomia* expressa a capacidade de regular si mesmo.

Orientador: Tem um artigo publicado no site Psicoativo (s.a., 2019c) que traz a seguinte explicação: a anomia é quando o indivíduo, geralmente criança, não compreende regras e seu comportamento é ligado somente às necessidades básicas e, quando as regras são seguidas, isso é feito por mero hábito e não propriamente pela consciência de que aquele comportamento é certo. A criança percebe a existência das regras e entende que é preciso segui-las em brincadeiras, ou em regras domésticas, e começa a distinguir o certo e o errado com a ajuda de pessoas mais velhas. Esse é o período de heteronomia, quando ela sabe o que é certo e errado, mas só os considera por respeito à autoridade, sem ter consciência ou reflexão sobre as normas. Por

último, a autonomia é a fase em que o indivíduo já tem consciência das regras, entendendo o motivo da existência delas e desenvolve princípios morais e éticos.

Eu: Li também no texto de Frutuoso (2020), ao abordar os estudos de Vygotsky sobre a origem das funções psicológicas superiores, que, para Vygotsky, o desenvolvimento da aprendizagem acontece a partir da interação da criança com o meio, com a cultura e com outros indivíduos.

Orientador: Isso. Esse autor destaca que, na visão de Vygotsky, o professor é o mediador da aprendizagem, devendo trabalhar o conhecimento de forma a estabelecer uma ponte que alcance o potencial do aluno para aprender novas coisas.

Eu: O desenvolvimento da aprendizagem, de acordo com Vygotsky, é dividido em três zonas. A zona do desenvolvimento real é quando a criança atinge níveis onde ela possa resolver as situações pela sua independência. A zona de desenvolvimento potencial é o nível em que a criança consegue realizar atividades, acompanhada por alguém mais velho ou mais experiente, que vai a ajudar. E, por fim, a zona de desenvolvimento proximal, a qual se refere ao processo que a criança passa entre a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento potencial, ou seja, é a zona intermediária do desenvolvimento (s.a., 2019a).

Orientador: Frutuoso (2020), analisando a teoria psicogenética de Wallon, destaca que a aprendizagem, para essa abordagem, acontece a partir da relação da criança com o movimento e a afetividade. Segundo a autora, o professor, na perspectiva de Wallon, é um fortalecedor de vínculos e trabalha com a criança a questão da confiança.

Eu: Narcizo (2021) apresenta a divisão dos cinco estágios de aprendizagem proposta por Wallon. O primeiro estágio, chamado de Impulsivo-Emocional, acontece no primeiro ano de idade da criança. É um estágio basicamente afetivo, na qual o tato é importante para a expressão do bebê, desenvolvendo a interação e participação com o meio em que ele está inserido.

Orientador: O estágio Sensório-Motor e Projetivo, que abarca a fase

de 1 ano aos 3 anos de idade, a interação é direta com os objetos, desenvolvendo a curiosidade sobre eles, como a utilidade e o nome deles. Nesse estágio, é preciso que o professor traga atividades que a criança explore e faça a diferenciação desses objetos.

Eu: Em seguida, dos 3 aos 6 anos de idade, o estágio é denominado de Personalismo. Nessa fase, a criança começa a se reconhecer diferente de outras pessoas, aprendendo também que cada pessoa tem suas características, as tornando diferentes umas das outras. Assim, o respeito com as individualidades dos outros é desenvolvido.

Orientador: O desenvolvimento Categorial, dos 6 aos 11 anos, é a fase em que a criança explora ainda mais as diferenças entre as pessoas e entre os objetos, atribuindo conceitos e ideias a eles. Nessa fase, é importante tanto considerar o que a criança já sabe e conhece, quanto dar oportunidade para novos saberes, a fim de possibilitar que ela tenha capacidade de designar suas ideias. São as experiências que a criança vive que vai ampliar o seu conhecimento, seus sentimentos e seus valores.

Eu: A partir dos 11 anos de idade, temos o último estágio, que é a Puberdade e Adolescência. Nele, a criança determina essas diferenças, considerando sua autonomia para expressar e discutir os sentimentos, os valores e as ideias que o permeiam através da autoafirmação (NARCIZO, 2021).

Orientador: Como discutimos, boa parte do desenvolvimento da criança é feito dentro da escola e das relações construídas a partir dela que, segundo Marques e Carvalho (2018), podem ser determinantes para seu futuro profissional. Você já sabe como os interesses profissionais são constituídos nos indivíduos?

Eu: Conforme Marques e Carvalho (2018), analisando o pensamento de Vygotsky, “toda atividade realizada pelo homem é significada socialmente” (p. 767). Ou seja, é a interação com o meio social em que o sujeito está inserido que vai desenvolver suas ações e compreensões. As autoras analisam também as proposições de Espinosa, destacando que, o bom ensino para o filósofo é aquele que de fato enriquece o ser humano com novos conhecimentos, implicando para que exista o desenvolvimento pessoal desse

sujeito. A efetividade da aprendizagem dependerá da maneira como o professor planeja essa tarefa, considerando o contexto educacional em que os indivíduos estão inseridos.

Orientador: Na mesma linha de pensamento, para Espinosa, como exposto pelas autoras, o bom ensino é aquele feito a partir dos afetos que expandem o potencial do indivíduo e faz com que ele se sinta feliz no ambiente escolar, desenvolvendo maior prazer e vontade pelo aprendizado. Marques e Carvalho (2018) levantam a seguinte tese:

..o professor que afeta positivamente seus alunos (de alegria) é afetado por satisfação, significa que ele mesmo é afetado positivamente (de alegria). Para manter o estado de satisfação que aumenta a potência de agir, o professor continua desenvolvendo práticas educativas que colaborem com o sucesso dos alunos, porque o sucesso dos alunos é o seu sucesso, é a expansão da sua alegria. Os alunos, por sua vez, ao serem afetados positivamente, criam relação de sentido que potencializam o desejo por continuar aprendendo e se desenvolvendo. (p. 768)

Eu: Percebe-se que os afetos positivos resultam num ciclo onde os alunos, por terem satisfação no aprendizado, têm mais vontade de conhecer novos conteúdos e, assim, o professor também se motiva a trazer novos conceitos para esses alunos, ou seja, o sucesso é feito a partir da colaboração dessa relação professor-aluno.

Orientador: As autoras trazem o conceito de vivência, a partir da teoria de Vygotsky, o qual considera a criança um ser consciente dos âmbitos racional e afetivo, refletindo as relações pessoais internas e externas, considerando as experiências vividas em cada fase. Mas, segundo o teórico, todo desenvolvimento, antes de ser individual, é social. Portanto, a criança internaliza as relações sociais, o que a constitui.

Eu: A partir desse processo, Vygotsky traz a relevância apropriação da linguagem na vida da criança, pois a partir dela, essa criança tem a capacidade de produzir significados e generalizações. Isso faz com que a criança consiga diferenciar o que acontece no seu interior do que ocorre no exterior de si, descobrindo o que a afeta ou não.

Orientador: Como vimos, os afetos são de extrema importância para o desenvolvimento da personalidade das pessoas. Vimos que cada um é afetado de maneira diferente por estar em um contexto social diferente umas das outras e pela trajetória ser diferente também.

Eu: Então, o que afeta positivamente uma pessoa, pode afetar negativamente outra considerando a maneira com que aquela pessoa teve contato com o afeto.

Orientador: Exatamente. Além disso, os afetos positivos geram auto-estima, autoconfiança, motivação e prazer em aprender, resultando no sucesso, enquanto os afetos negativos ou a falta dos afetos positivos resultam em desmotivação, tristeza, desinteresse e muitas vezes podem desenvolver depressão.

Eu: Trarei, então, alguns exemplos de como os afetos influenciam nas escolhas baseado na minha trajetória escolar, social e familiar, considerando os aspectos que me afetaram, me motivaram ou desmotivaram, os meus gostos e desgostos e os meus prazeres e desprazeres.

Orientador: Antes, é preciso lembrar que, ao longo do processo de desenvolvimento das pessoas, elas conhecem algumas profissões de forma sutil, sem muitos detalhes sobre a função que os profissionais exercem. Sendo assim, como já discutimos, nós criamos imagens que representam as profissões.

Eu: Exatamente. Minha mãe era funcionária pública e a imagem que eu tinha dessa profissão é de uma mesa cheia de papéis e pastas. Hoje eu sei que sua profissão era muito mais complexa do que isso, porque ela trabalhava muito. Mas, apesar de eu ter acompanhado algumas vezes o dia dela, ainda não sei direito quais eram as funções dela dentro do seu trabalho.

Orientador: Então, você não fez uma análise mais detalhada sobre a profissão do funcionário público, certo?

Eu: Isso mesmo. Nem sobre a profissão do bancário, que é a profissão do meu pai. A imagem que eu tinha da profissão era aquela de escritório que vemos em filmes, onde cada um tem sua mesa, seu computador, mas dividindo a mesma sala, atendendo a telefonemas. Como nunca tive

contato com o trabalho do meu pai, a imagem não mudou muito, mas acredito que seja basicamente mexer com contas, dados do banco e resolver burocracias.

Orientador: Por não ter tanto conhecimento sobre essas duas profissões e ter uma imagem que não lhe interessa, elas nunca foram opções para você, não é? Quando pergunta para a criança o que ela quer ser quando crescer, geralmente ela responde que quer alguma profissão que tenha a ver com seus gostos no momento.

Eu: Como na infância, que eu tinha muito contato com animais em fazendas, na chácara do meu avô, no zoológico, nos pet shops - perto de casa, e até mesmo dentro de casa, considerando as espécies de animais que eu tive, mamíferos, anfíbios, répteis, aves e peixes. Nesse momento, minha vontade era de ser veterinária, pois a imagem que eu tinha era apenas do contato contínuo com todos os tipos de animais. Ao crescer, entendi que o trabalho do veterinário engloba muito mais do que estar em contato com eles, como fazer cirurgias, diagnosticar doenças, estudar o comportamento e seus sistemas fisiológicos, além de ter que encarar situações trágicas envolvendo os animais. Nesse momento, a opção foi descartada.

Orientador: Pelo que eu percebo, seu contato com os animais fez você ter uma certa proximidade com a profissão do veterinário. Mas as informações obtidas sobre a profissão e, analisando seus gostos e habilidades, naquele momento, houve um distanciamento pessoal dela, já que seus interesses e habilidades não condiziam com tal profissão.

Eu: Justamente. O meu “querer cuidar” não inclui procedimentos cirúrgicos, por exemplo, se aproxima mais da Psicologia, que foi uma área que tive interesse em determinado momento da minha trajetória. Por outro lado, ainda na infância, brincando de escolinha com as minhas amigas, eu cogitava ser professora. Adorava escrever no quadro e desenvolver atividades parecidas com as que eu tinha na escola para elas. Com o passar do tempo, acredito que parei de pensar no meu futuro como profissional. Mas, ao final do ensino fundamental, a opção de ser professora começou a crescer por me trazer imagem de cuidado, ensino, escrita, correções e, com sucesso, chegar até a função de coordenadora, administrando as demandas da escola.

Orientador: É interessante observar que, como campos de interesse, essas opções possuem similaridades. Anderson (2021), ao apontar as semelhanças entre Pedagogia e Psicologia, destaca que ambas estudam conceitos de inteligência, mas enquanto a Pedagogia foca-se na área educacional, a Psicologia faz uma análise geral. Além disso, as duas são áreas do conhecimento que lidam com questões humanas, desenvolvimento e aprendizagem. A Psicanálise e a Psicopedagogia são campos fortes na junção dessas duas áreas. Então, uma das determinantes que contribuíram para a minha escolha profissional foram as brincadeiras que participava, quando era criança.

Orientador: Como já observamos, a afetividade também é um elemento relevante para o desenvolvimento de personalidades, que afeta nas escolhas. Você consegue identificar mais alguma situação em que ocorreu isso?

Eu: Acredito que o afeto que tenho pelos meus irmãos influenciaram nas escolhas das escolas. Estudei na creche com meu irmão e minha irmã. No início da Educação Infantil, eu e meu irmão fomos para uma escola e minha irmã foi para outra. Antes de acabar esse período, a escola em que eu estudava fechou e fomos matriculados na escola que a minha irmã estudava. Quando eu estava na 3ª série, minha irmã mudou novamente de escola e eu e meu irmão permanecemos na mesma. Já no 7º ano, meu irmão foi quem trocou de escola e eu fiquei “sozinha” naquela escola até o final do ano. No ano seguinte, fui estudar na escola que meu irmão já estava frequentando. Li o estudo de revisão de Delgado, Carvalho e Correia (2019), que buscam demonstrar que o apoio de amigos e familiares protege a criança ou o adolescente e ajuda a enfrentar momentos complicados de sua vida. É importante considerar a individualidade de cada pessoa e analisar o contexto em que ela está inserida.

Orientador: Percebe-se que, estar perto dos seus irmãos durante essa parte da sua trajetória foi uma determinante para as escolhas das escolas onde você gostaria de estudar, independente de amigos e professores, pelo fato do seu afeto com eles ser de grande influência.

Eu: Certamente. Além desse afeto, que me levou a fazer a escolha

das escolas, o afeto existente entre mim e a estagiária foi uma determinante *para que eu fizesse a escolha da minha profissão.*

Orientador: Nesse caso, como Bock (2013) qualifica, essa determinante se caracteriza pela *identificação com pessoas e personalidades ou situações*, ou seja, a estagiária, sua personalidade e a situação em que vocês se encontravam foram o que afetou para que a sua escolha fosse feita.

Eu: Algo que pode ter me afastado, de certa forma, dos meus interesses escolares, é a insegurança, o medo e o desespero em ter que lidar com exames onde meu conhecimento seja avaliado. Como defende Maria Moro (1994), quando falamos de fracasso escolar, não devemos falar do fracasso do aluno em si, e sim do fracasso do sistema escolar que é coberto de falhas, apesar do aluno se responsabilizar pelo seu pouco desempenho. A autora afirma que para a Psicologia da Educação os alunos são capazes de aprender, independentemente do contexto social em que estão inseridos. Lembra quando contei sobre uma prova de História, que havia esperanças de tirar uma nota relativamente boa, mas tirei uma nota abaixo da média? Os métodos de avaliação também são pontos que venho refletindo.

Orientador: Pedreira e outros (2013) destacam que o método de avaliação na maioria das instituições escolares classifica os alunos como bons ou maus pelas notas. Os que alcançam notas altas são classificados como bons e obtêm promoção e quando as notas são baixas são classificados como maus e recebem punição. O sistema escolar também usa métodos de aprendizagem que não irão atender ao modo como os estudantes aprendem, além de reduzir o desenvolvimento do conhecimento dos alunos como certo ou errado, desconsiderando as individualidades, colocando todos em um único padrão. Como lembra Bock (2013), citando Cunha, os processos avaliativos, no capitalismo, geram competição, honrando os jovens de forma positiva ou de punição.

Eu: Os vestibulares são um exemplo disso, pois têm um único método de avaliação, em sua maioria, onde milhares de pessoas são avaliadas. E como já havíamos conversado, existem individualidades a serem consideradas para que o sucesso seja obtido a partir dessas avaliações. Então acredito que não seja a melhor forma de avaliar o conhecimento da população

de vestibulandos. No vestibular que eu prestei para passar em Pedagogia, por exemplo, uma resposta errada anulava um acerto. Então, na minha percepção, o que o indivíduo não sabe pesa mais na avaliação do que os seus saberes. Outro fator que prejudicou a minha trajetória escolar foi a falta de gosto pela leitura. Li um texto, em que Cagliari (1993, p. 150, apud SEIBERT, s.d.) afirma que:

O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse.

Orientador: Isso é verdade. Nesse sentido, é prioridade da escola fazer com que os alunos aprendam a ler amplamente, entendendo o que estão lendo. Porém, se a criança não for incentivada, inclusive pela família, a ler coisas de que gostam, que lhes tragam referências com o que elas vivem, como passatempo e fonte de prazer, a prática da leitura pode distanciar-se do contentamento e transformar-se em uma atividade com fins práticos e maçantes, onde a leitura se restringe a buscar respostas.

Eu: Talvez se eu lesse escrevendo o que estava sendo lido, eu começaria a gostar de ler, ou pelo menos teria o hábito de ler - para escrever. Pela leitura do texto “Leitura e interpretação de texto: manual fácil para quem tem dificuldade de compreensão” (s.a.: s.d.), entendi que é normal que haja falha na interpretação de textos caso a pessoa não tenha o hábito de ler. Eu nunca tive o hábito e nem o gosto pela leitura, e isso pode ter afetado o meu desenvolvimento educacional e pessoal. Às vezes, o fato de eu não conseguir interpretar corretamente o texto, faz com que eu distorça o que foi lido, fazendo com que eu acredite que consegui entender.

Orientador: É válido levantar essa questão, pois ela ainda é muito presente na vida das pessoas que realizam vestibulares e muito discutida por elas. Algumas pessoas pensam que é um método falho, como você, e realmente é importante que isso seja revisado para melhorar as formas de avaliação. Além disso, Bock (2013) também traz relatos sobre a questão de

gênero, onde os participantes do seu programa apontam a existência do preconceito sobre essa questão, mas que eles não acham que isso seria algo que interferisse na escolha profissional. Você sente o mesmo?

Eu: Não. Na verdade sinto que essa discriminação também seja uma das determinantes para a minha escolha. Por ter passado por diversas situações em que o fato de ser mulher me fez sentir menosprezada e humilhada, acredito que, pela área da pedagogia ser majoritariamente feminina e o contato direto ser com crianças, é uma área em que eu me sinto segura.

Orientador: Alejandra Agudo (2019) aponta que a escolha profissional envolve a questão de gênero desde cedo. Em sua publicação, ela traz relatos de meninos e meninas, onde fica clara a diferença das profissões aproximadas para cada gênero. Enquanto os meninos querem ser um profissional visto como masculino, como jogador de futebol, bombeiros e construtores, as meninas indicam suas aproximações com profissões consideradas femininas, como cabeleireira, professora e estilista.

Eu: A autora fala que essa imagem feminina ou masculina das profissões é imposta desde muito cedo na vida das crianças, pela sociedade, a partir da discriminação cultural existente entre os gêneros. Por isso, também, minha escolha profissional nunca se aproximou dessas profissões consideradas masculinas.

Orientador: É. Como ela aponta, apenas 30% das mulheres escolhem profissões julgadas como masculinas. Então, entende-se que a aproximação das pessoas pelas profissões geralmente envolvem a questão de gênero como uma das determinantes.

Eu: É nítido que isso acontece, considerando as pessoas que eu conheço, onde cada gênero normalmente escolhe aquela profissão que é estereotipada com seu gênero correspondente. A Pedagogia, por exemplo, é um curso majoritariamente feminino, por trazer a imagem voltada para o cuidado das crianças, além da desvalorização profissional. Essa conversa foi muito enriquecedora para entender o meu processo de escolha profissional e as determinantes que o afetaram. Muito obrigada pela sua atenção e contribuição, orientador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para a realização deste trabalho foi o tema da afetividade em relação à escolha profissional. A afetividade é uma das determinantes no processo de escolha profissional e, buscamos entender de que maneira os afetos podem se relacionar com essa escolha tão importante. Para tanto, buscamos identificar situações em que essa relação ocorria, a partir da pesquisa autobiográfica.

Com os estudos, a partir da leitura dos textos, pôde-se observar que a questão do afeto é a “ponta do *iceberg*”, e que a escolha profissional se baseia no envolvimento de outras determinantes que, ao longo da vida, não percebemos, mas com uma orientação profissional de qualidade elas podem ser identificadas através do autoconhecimento, entre outros aspectos a serem trabalhados. Considerando que cada pessoa é desenvolvida em contextos social, econômico e escolar diferentes, as determinantes também variam para cada um.

A presença do afeto é importante para o desenvolvimento pessoal desde criança, que é quando o ser humano é introduzido socialmente, contribuindo com seus valores, seus hábitos, suas habilidades e aprendendo a partir da relação com o outro. Como a afetividade é tão importante, desde cedo, não seria diferente no momento de fazer escolhas significativas.

Além da afetividade, foram compreendidos os vários fatores que fazem parte determinante do processo de escolha. O interesse pessoal, por exemplo, normalmente é considerado o principal elemento para a preferência por uma profissão. Mas, como estudado a partir do programa de orientação de Bock (2013), o contexto social, a questão de gênero, o mercado de trabalho, as imagens criadas das profissões, as identificações com pessoas de determinada área etc, também são fatores relevantes para a opção pela profissão a ser seguida.

Entendendo que o processo de escolha profissional envolve muitas questões, é importante que, desde a infância, o orientador profissional oportunize o máximo de experiências possíveis dentro da escola, para que as crianças se desenvolvam em diversos aspectos e dimensões, expandindo suas habilidades e seus gostos no período escolar, além de informá-las sobre as questões do trabalho e as várias possibilidades de áreas de atuação, entre outros elementos que podem vir a compor um processo de orientação profissional.

PRETENSÕES PROFISSIONAIS

Durante todo o curso de Pedagogia, pude ter experiências em várias áreas da profissão, como Pedagogia Hospitalar, Educação de Jovens e Adultos e o ensino regular. O último caso foi onde eu me encontrei, onde pude firmar qual caminho a seguir se encontrava com meu desejo.

Espero ser uma pedagoga que promova a transformação dos alunos, através do ensino, do cuidado e do acolhimento, contando com a colaboração recíproca da equipe. Almejo superar todos os desafios diários para poder alcançar o meu objetivo, colocando em prática todo aprendizado trazido da universidade e buscando métodos efetivos que se aproximem de um desenvolvimento pleno das crianças. Como a afetividade sempre foi um ponto muito forte na minha trajetória, espero passar de forma positiva os benefícios que os afetos podem trazer para essas crianças, buscando sempre conquistar a confiança delas, acolhê-las da melhor maneira.

A arte é uma forma alternativa de instigar, a partir da criatividade, a expressão das crianças, fugindo dos padrões atuais, já que nem sempre elas sabem exatamente como expressar seus sentimentos. Com a arte, as crianças desenvolvem esses sentimentos, despertam a imaginação e a auto-estima, com representações de símbolos, e constroem suas personalidades, fortificações e fragilidades. Atividades lúdicas são ótimas para cativar a atenção das crianças, trazendo conexão com o conteúdo e proporcionando um melhor aprendizado. Através das artes e das atividades lúdicas é possível trabalhar conteúdos interdisciplinares em diversas situações e acredito que seja um método eficiente para alcançar os objetivos desejados.

Algo que, apesar de ter tido certa introdução, eu preciso e tenho interesse em me aprofundar, é a educação inclusiva. É uma área que às vezes esquecemos, mas como pedagoga, que lidará com diversas situações que precisem desse conhecimento, é necessário saber da importância de buscar informações para conseguir desenvolver planejamentos e atividades que tragam a inclusão.

Sinto que atuando como pedagoga serei muito realizada na profissão, fazendo o que eu gosto, com um contato importantíssimo com as crianças, que são minha paixão.

REFERÊNCIAS

AGUDO, Alejandra. Os estereótipos de gênero afetam o que as meninas e os meninos escolhem como profissão no futuro. **El País**. Publicado em 04/01/2019. Disponível

em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/10/actualidad/1528661907_969674.html.

Acesso em: 01/03/2022.

ANDERSON, Patrick. Semelhanças entre Pedagogia e Psicologia. **Hora da Facul.** Publicado em 01/09/2021. Disponível

em:

<https://horadafacul.vestibulares.com.br/mercado-de-trabalho/semelhancas-entre-pedagogia-e-psicologia/>. Acesso em 07/03/2022.

BOCK, Sílvio Duarte. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2013.

DELGADO, Paulo; CARVALHO, João M. S.; CORREIA, Fátima. Viver em acolhimento familiar ou residencial: O bem-estar subjetivo de adolescentes em Portugal. *Psicoperspectivas*. **Individuo y Sociedad**, Vol. 18, No. 2, 2019. Doi: [10.5027/psicoperspectivas-Vol18-Issue2-fulltext-1605](https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol18-Issue2-fulltext-1605)

FERNANDES, Domingos. Avaliação em Educação: uma discussão de algumas questões críticas e desafios a enfrentar nos próximos anos. **Revista Ensaio: Avaliação em Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 78, p. 9-32, jan./mar. 2013. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/874GnQzjYX5yvBjSG9g98m/?lang=pt>.

Acesso em: 21/03/2022.

FRUTUOSO, Norelei. **Vygotsky, Piaget e Wallon - Diferenças e Semelhanças**. Publicado em: 05/10/2020. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=1vGGbNGuNnM>. Acesso em: 28/03/2022.

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/10/actualidad/1528661907_969674.html

https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEP_PE_BRUNO_NETO.pdf. Acesso em 28/03/2022.

IMPARE EDUCAÇÃO. **As emoções e a afetividade na aprendizagem segundo Wallon**. Publicado em: 21/11/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m9oPnEyJYIQ>. Acesso em: 21/03/2022.

KOCHHANN, Andréa; ROCHA, Vanessa Amélia da Silva. A afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon. **Anais da Semana de Integração da UEG Campus Inhumas, v. 2 n. 1, 2015: Educação e Linguagem: (re)significando o conhecimento**. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/5567>. Acesso em: 28/03/2022.

MACHADO, Letícia Vier; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCOÆ, Sonia Mari Shima. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 647-657, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/?lang=pt> Acesso em: 28/03/2022.

MARQUES, Eliana Sousa Alencar; CARVALHO, Maria Vilani Cosme. Prática educativa, vivência e afetos na constituição de alunos com histórias de sucesso

na escola. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 32, n. 65, p. 765-792, mai./ago. 2018. Disponível

em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/37463/26024>.

Acesso em: 14/03/2022

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>

MORO, Maria Lúcia Faria. Do fracasso para o sucesso escolar: Sobre a efetiva presença da psicologia da educação na escola. **Educar**, n. 10. Curitiba: Ed. UFPR, 1995. p. 139-150.

Disponível: <https://www.scielo.br/j/er/a/BFN3mTFpFFgVtgkcdjwHwJM/?lang=pt>

Acesso em: 14/03/2022.

NARCIZO, Elaine Cristina. Henri Wallon: a afetividade no processo de aprendizagem. **Comunidade PROFS**. Publicado em: 26/07/2021. Disponível em:

<https://profseducacao.com.br/artigos/henri-wallon-a-afetividade-no-processo-de-aprendizagem/> Acesso em: 21/03/2022.

NETO, Giuseppe Bruno. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012. 29 p. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/CienciasBiologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf

NORONHA, Ana Paula Porto; MANSÃO, Camélia Santana Murgo. Interesses profissionais e afetos positivos e negativos: estudo exploratório com estudantes de ensino médio. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 2, p. 323-331, mai./ago. 2012. Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/pusf/a/xRGxzYXZ6rMfScnB5YtkmQy/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 18/03/2022.

PEDREIRA, Helécia Paiva Silva; ALMEIDA, Débora Carvalho M. Nunes; FIEL, Ana Maria Rodrigues Brito; CIRQUEIRA, Anderson Pereira. Métodos avaliativos: um olhar reflexivo sobre a prática docente nas avaliações escolares. **XI Congresso Nacional de Educação – Educere 2013**. PUCPR, Curitiba, PR, 23 a 26/09/2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10261_6331.pdf

PESSOA, Vilmarise Sabim. A afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana. **PUBLICATIO UEPG, Ciências Humanas**, 8 (1): 97-107, 2000. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2731>. Acesso em: 21/03/2022.

PIAGET, Jean. A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança. In: **Blog da Psicologia da Educação**. Afetividade e inteligência – Jean Piaget. s.d. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/afetividade-e-inteligencia/>. Acesso em: 28/03/2022.

Red: Crescer é uma fera. (Animação). Título original: *Turning Red*. Direção: Domee Shi. Roteiro: Domee Shi; Julia Sho. Pixar, Walt Disney Studios. Estados Unidos. 2022. Streaming Disney+.

REY, F. L. G. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia:** Caminhos e Desafios. Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. 1º Edição. São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 37.

SALA DOS PROFESSORES. **Aprendizagem x afetividade.** Publicado em 24/01/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8XaWEDWURQ>. Acesso em: 01/03/2022.

SANADA, Elizabeth dos Reis. Jean Piaget Desenvolvimento Afetivo. **Aprendizagem e desenvolvimento humano.** Singularidades EAD - Currículo Mais. Publicado em: 22/04/2014. Disponível em: <https://youtu.be/h2eXYZBR2i4>. Acesso em 28/03/2022.

SEIBERT, Maria das Graças Souza Silva. **Leitura espontânea e prazerosa:** uma conquista na formação de leitores. s.d. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/leitura-espontanea-prazerosa-uma-conquista.htm>. Acesso em: 03/2022.

Sem autor. A Importância da comunicação em nossas vidas. **Mundo-E.** Publicado em: 27/10/2020a. Disponível em: <https://mundoe.net.br/comunicacao/>. Acesso em: 03/2022.

Sem autor. Acolhimento escolar: o que é e como funciona? **Blog SAS** Plataforma de Educação. Seção Gestão escolar. Publicado em 09/01/2021. Disponível em: <https://blog.saseducacao.com.br/acolhimento-escolar/> Acesso em: 07/03/2021.

Sem autor. Conceito de afeto na Psicanálise. **Blog Psicanálise Clínica.** Publicado em 17/04/2019b. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-afeto-para-a-psicanalise/>. Acesso em: 07/03/2022.

Sem autor. Entenda tudo sobre a Teoria de Aprendizagem de Vygotsky. **AIX Educação Infantil.** Publicado em: 01/10/2019a. Disponível em: <https://educacaoinfantil.aix.com.br/wp-content/uploads/2019/10/entenda-tudo-sobre-a-teoria-de-aprendizagem-de-vygotsky.pdf>. Acesso em: 04/04/2022.

Sem autor. Escola acolhedora: entenda o que é e a importância para os alunos. Blog da Família. Seção Pais e Filhos. **Rede Decisão.** Publicado em 02/09/2020b. Disponível em: <https://familia.rededecisao.com.br/escola-acolhedora/>. Acesso em: 07/03/2022.

Sem autor. Leitura e interpretação de texto: Manual fácil para quem tem dificuldade de compreensão. **Ensino Guia de Educação.** s.d. Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/9-dicas-para-melhorar-a-interpretacao-de-texto-no-vestibular#:~:text=%C3%89%20comum%20ler%2C%20mas%20n%C3%A3o%20seu%20horizonte%20de%20conhecimento>. Acesso em: 07/03/2022.

Sem autor. O desenvolvimento moral segundo Piaget: anomia, heteronomia e autonomia. Psicoativo, **site dos estudantes de Psicologia da UFSJ.** 2019c. Disponível em:

<https://psicoativo.com/2019/07/o-desenvolvimento-moral-segundo-piaget-anomia-heteronomia-e-autonomia.html>. Acesso em: 04/04/2022.

SILVA, Nelma Albino da. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. 44p. Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-e-na-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em 07/03/2022.

SOARES, Adriana Benevides; SANTOS, Zeimara de Almeida; ANDRADE, Ageu Cleon de; SOUZA, Marisangela Siqueira de. Expectativas acadêmicas e habilidades sociais na adaptação à universidade. **Ciências Psicológicas**, 2017, 11 (1), p. 77 – 88. DOI: 10.22235/cp.v11i2.1349. Disponível em: <https://revistas.ucu.edu.uy/index.php/cienciaspsicologicas/article/view/1349/1339>. Acesso em 01/03/2022.

TEIXEIRA, Kalyne. Afetividade e a escolha profissional no ensino médio.

WIERCINSKI, Gilmar. Pesquisa autobiográfica: uma introdução metodológica. Ensaio teórico. **XIX Jornada de Pesquisa**. Salão do Conhecimento, Unijuí, 2014. Disponível em:

<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/3474/2874>. Acesso em: 21/07/2022.

REFERÊNCIAS MEMORIAL

LYRA, Gabriela Franco Dias, CONSTANTINO, Patrícia e FERREIRA, Ana Lúcia. **Quando a violência familiar chega até a escola**. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-08.pdf>. Acesso em: 15/10/2021.

NAIRIM, Bernardo. **Afetividade na Educação Infantil**: a importância do afeto para o processo de aprendizagem. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17883/afetividade-na-educacao-infantil-a-importancia-do-afeto-para-o-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 15/10/2021.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza, FERREIRA, Gabriella Rossetti e RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **A timidez e as implicações na aprendizagem**. Disponível em: <http://revista.ubm.br/index.php/revistacientifica/article/view/955> Acesso em: 15/10/2021.